

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DARQ – DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
CURSO DE ARQUEOLOGIA**

**MATZÉVET KEVURÁT: AS LÁPIDES DO CEMITÉRIO DA
CANDELÁRIA, PORTO VELHO – RO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: MONOGRAFIA

JOSÉ RICARDO PEREIRA TAVARES

**Porto Velho
2022**

JOSÉ RICARDO PEREIRA TAVARES

MATZÉVET KEVURÁT: AS LÁPIDES DO CEMITÉRIO DA
CANDELÁRIA, PORTO VELHO – RO

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Rossato Santi.

Porto Velho
2021

Catalogação da Publicação na Fonte
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

T231m Tavares, Jose Ricardo Pereira.
Matzévet Kevurát: as lápides do cemitério da Candelária, Porto Velho - RO / Jose
Ricardo Pereira Tavares. - Porto Velho, 2022.

100 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Rossato Santi.

Monografia (Graduação), Departamento de Arqueologia, Núcleo de Ciências Humanas,
Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1. Cemitério da Candelária. 2. Hospital da Candelária. 3. Judeus. I. Santi, Juliana
Rossato. II. Título.

Biblioteca Central

CDU 908



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE ARQUEOLOGIA - PORTO VELHO

JOSÉ RICARDO PEREIRA TAVARES

MATZÉVET KEVURÁT: AS LÁPIDES DO CEMITÉRIO DA CANDELÁRIA, PORTO VELHO – RO

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia como parte dos pré-requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia. Aprovada no dia 05 de agosto de 2022, pela Banca Examinadora constituída pelos Docentes:

Dra. Juliana Rossato Santi
(orientadora)

Ma. Valéria Cristina Ferreira e Silva
(membro titular)

Dr. Daniel Belik
(membro titular)

Ma. Laura Nisinga Cabral
(membro suplente)

Porto Velho, 05 de agosto de 2022



Documento assinado eletronicamente por **JULIANA ROSSATO SANTI, Docente**, em 05/08/2022, às 12:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **DANIEL BELIK, Usuário Externo**, em 05/08/2022, às 13:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **VALERIA CRISTINA FERREIRA E SILVA, Docente**, em 05/08/2022, às 13:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1053468** e o código CRC **21F4359F**.

JOSÉ RICARDO PEREIRA TAVARES

MATZÉVET KEVURÁT: AS LÁPIDES DO CEMITÉRIO DA
CANDELÁRIA, PORTO VELHO – RO

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia como parte dos pré-requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia. Aprovada no dia xx de xx de 2022, pela Banca Examinadora constituída pelas Docentes:

Dra. Juliana Rossato Santi
(Presidente/Orientadora)

(Professora Doutora da Fundação Universidade Federal de Rondônia)

(Bacharela pela Fundação Universidade Federal de Rondônia)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a professora de Arqueologia Elisangela de Oliveira que, na primeira aula de Introdução a Arqueologia, quase me matou (no bom sentido) me perguntando, em meio a todos da sala, dizendo: "O que é arqueologia?!" Aquilo ecoou no meu cérebro, passou para o meu coração e minha alma. Comecei a pensar "Caraca! Mas o que é arqueologia?" Hoje posso dizer que Arqueologia, para mim, é tudo e mais um pouco.

Arqueologia tem um pouco de medicina, um pouco de geografia, um pouco de história, um pouco de filosofia, um pouco de sociologia, um pouco de psicologia... Enfim, um "cadinho" de tudo. Sem essas matérias a Arqueologia não seria nada, pois é uma disciplina interdisciplinar que engloba vários campos da ciência.

Ai você pensa: "Visão processualista ou pós processualista? Arqueologia pré-histórica ou histórica?" Um arqueólogo que enxerga a arqueologia somente em um campo A ou B não é um arqueólogo completo. O arqueólogo que vê o todo e busca analisar e encontrar respostas para esse todo, por meio do campo A, B e C é completo! Hoje venho a entender que Arqueologia é a ressignificação do passado para darmos uma resposta ao nosso presente. O passado é mais mutável que o presente. Ele possui várias interpretações, mas somos nós que o fazemos palpávelmente, tocando nas suas evidências, que são os registros e materiais arqueológicos.

No dia 19 de novembro de 2019, fomos até a Vila Candelária onde se encontra o cemitério da Candelária. Eu fazia parte dos alunos de Arqueologia da Paisagem da professora Elisangela de Oliveira, entre os docentes da Unir estavam a professora Dra. Juliana Santi, minha orientadora, a professora Laura Nisinga e Aline Maira. Ao chegarmos no cemitério passamos pelas três lápides, analisadas nesse trabalho, e comecei a contá-las em hebraico: "1, 2 e 3". Em certo momento, quando já estava saindo da região dessas três lápides minha orientadora, junto com a Alyne, me chamou de volta e disseram que as lápides estavam em aramaico. Quando prestei atenção, eu logo li as palavras "Matzévet Kevurat", que em hebraico é "A Lápide do Túmulo de". Logo eu pensei: "o meu TCC será sobre elas lápides."

Naquele dia, quando chegamos no cemitério da Candelária, pausamos para uma pequena introdução do projeto arqueológico que os nossos colegas de arqueologia estavam fazendo naquele local chefiados pela professora Dra. Juliana Rossato Santi.

Narraram sobre como foi o primeiro contato com a comunidade, algo que é muito importante antes de qualquer pesquisa arqueológica, pois o arqueólogo deseja contribuir para a comunidade e, em nenhuma hipótese, deseja prejudicá-la, ou deixá-la desinformada do trabalho arqueológico a ser efetuado. Também foi relatado, por um de nossos colegas, um certo desentendimento que houve entre o grupo de pesquisa de Arqueologia liderado pela professora Juliana, com um proprietário do patrimônio histórico “Hospital da Candelária”, que também faz parte do Cemitério da Candelária. Como o mesmo se tornou proprietário é um “enigma”. Por essa causa, as pesquisas no Hospital da Candelária, tornou-se arriscada e até perigosa, visto que o mesmo proprietário ameaçava o grupo de pesquisa. Em seguida, após um pequeno lanche, seguimos em linha reta, em direção ao Hospital da Candelária. Logo, nos deparamos com três túmulos: 2 túmulos judaicos e 1 túmulo de um possível cristão. Parei para colocar “pedras” nos três túmulos, uma prática judaica com os seus significados em memória e respeito daqueles que se foram. Uma coisa que a professora Elisângela falou enquanto estávamos no ponto 7 do Cemitério da Candelária, em meio aos dois túmulos judaicos, foi: “por que eles fizeram o cemitério exatamente aqui em meio ao rio? Olhem bem a paisagem e pensem nisso!”. Hoje penso que era devido a bela visão do rio e do belo pôr do sol que só essa região possui. Isso, talvez, causava uma sensação de paz e serenidade para os parentes que haviam perdido seus entes queridos. É claro que também tudo cooperou para que o cemitério não fosse dentro da floresta, pois seriam mais doentes, mais mortos e mais gastos para os empresários.

A paisagem daquela região demonstra o descaso, pois quando aqueles “empresários” da ferrovia voltaram aos seus respectivos países, tudo se tornou floresta novamente. As pessoas que morreram no caminho dos trilhos tornaram-se esquecidas. Talvez, até hoje os parentes buscam algum paradeiro deles sem respostas. O que se sabe ao certo é que tudo roda em torno dos interesses capitalistas e aquilo que não vale mais para o “mundo empresarial” é descartado. A menos que gere novamente algum lucro para os “grandes empresários” novamente. E a paisagem? Ainda continua a mudar...

Dedico este trabalho árduo à minha mãe, Eva Miranda. Eshét haíl (mulher empoderada), que me incitou a começar todo esse trabalho. Pelo amor dela ao livro do Zohar e ao caminho da Torah. Judia arretada, que ama uma jantinha de Shabat e que não tem papas na língua.

À minha esposa, Priscila de Melo, Eshét Haíl, que me motiva a cada dia, que não me faz parar e continuar com a minha jornada na Cabalá, no Judaísmo, na Arqueologia e na vida.

À minha irmã, Eshét Haíl, e meus sobrinhos, razões para que eu não pare nem um segundo. Dar exemplo para que eles sigam o exemplo. Estudar é o caminho para tudo.

À Elis Melo, Eshét Haíl, que me fez conhecer o curso e sempre me motivou nos piores momentos a continuá-lo, mesmo eu já quase desistindo de tudo por tantos problemas surgindo no caminho.

À minha orientadora Dra. Juliana Rossato Santi, Eshét Haíl também, que me deu todo apoio e se dispôs prontamente a me ajudar em toda essa árdua caminhada que foi fazer esse trabalho.

À Nilza Menezes, Eshét Haíl, que abriu espaço para eu pesquisar os documentos dos judeus que aqui estiveram. Guardiã da nossa história regional que deve sua memória ser sempre exaltada e bem lembrada.

À Messody Bennesby, Eshét Haíl, e à Sinagoga de Porto Velho que leva o nome de seu irmão, Isaac Bennesby י"ט, que me abriram com muito carinho as portas quando precisei iniciar esse trabalho de pesquisa. Todáh Rabáh (Muito obrigado)!

Quero agradecer grandemente ao meu amigo Youssef Hijazi, que se disponibilizou a tirar as fotos de uma forma profissional, como grande advogado e fotógrafo que ele é. O "paizão do ano", parabéns pelo seu filho Gabriel (Jibril), que ele seja um grande homem de Allah. O meu "Shallam" (fusão de "Shalom" e "Salam") a toda comunidade libanesa de Porto Velho e Rondônia.

Agradeço a Júlia Monteiro e o Paulo Maia, Norma Wende, Elizabeth e seu super cafezinho, Andefábio e a todas as alunas e alunos de Arqueologia da Unir. Somos demais! Agradeço imensamente ao professor Dr. Hélio Rodrigues Rocha e seus maravilhosos livros que narram sobre a nossa região amazônica e sua generosidade em nos dar a mão quando foi preciso.

Ao Dr. Miguel Neneve e sua gentileza em auxiliar no meu curso de extensão de hebraico, ladino e Aramaico.

À Dr. Daniel Belik que se dispôs a entrar comigo em diversas pesquisas sobre os judeus da região de Rondônia.

Em memória a professora Dra. Anita Novinsky י"ט, que infelizmente não tive a sorte de conhece-la pessoalmente e veio a falecer no dia 20 de julho de 2021, e tanto lutou pela causa judaica no Brasil e pelo reconhecimento dos judeus esquecidos, os bnei anussim, rejeitados e não reconhecidos pelo rabinato.

Em memória de Wellison Oliveira de Sá, 28 anos, conhecido popularmente como “Sarita” ou “Sarita da 7” em Porto Velho. Morador de rua, alegria do povo nos dias festivos da cidade. Que seu nome e sua história sejam lembrados neste trabalho.

Como disse o Judeu dos judeus: “não há nada sepultado que não seja brotado”. Assim, dedico este trabalho para as vozes que foram silenciadas, para os pulmões que foram privados do direito de inspirarem e expirarem o ar que ainda respiramos, para os olhos lacrimejantes daquelas pessoas que viram o seu fim iminente. Elas não são números, são pessoas como eu e você, saiba e sinta isso! Que suas almas descansem, que seus familiares sejam consolados, que os/as réus paguem por seus crimes e que nós e nossa posteridade aprendamos o quanto antes que “não há capital no dia da morte” (Eclesiastes 8:8). Chega de holocaustos em oferenda ao deus capitalismo e aos outros "Ismos"!

"Os mortos não vão a parte alguma, eles estão todos aqui. Cada pessoa é um cemitério, um verdadeiro cemitério, onde jazem nossas avós e nossos avôs, o pai, a mãe, a esposa, o filho, a filha... Todos estão aqui o tempo todo."

Bashevis Singer

RESUMO

TAVARES, José Ricardo Pereira. **Matzévet Kevurát: As lápides do Cemitério da Candelária, Porto Velho – RO**. 2022. 98 f. Monografia (Graduação) – Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2022.

Com o advento da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, nasce um pequeno núcleo urbano que mais tarde se torna Porto Velho – RO e, por conseguinte, o Hospital e o Cemitério da Candelária, para receber os corpos dos trabalhadores da Companhia da E.F.M.M., que jaziam de doenças tropicais dentre outras mazelas do sistema capitalista. Estima-se mais de quatro mil sepulcros perdidos no Cemitério da Candelária que talvez nunca conseguiremos os identificar. Entretanto, três lápides permanecem parcialmente intactas: uma de um português (que chamaremos de "Lápide Álef"), outra de uma mulher de origem judaica marroquina ("Lápide Bêl") e outra de um homem também de origem judaica marroquina ("Lápide Guimêl"). Pouco se fala sobre esses indivíduos e a atuação que tiveram para a formação, cultura e sociedade porto-velhense, decerto talvez pela falta de dados e documentações desse período. O presente trabalho nos traz a oportunidade de resgatar memórias que se relacionam com o período histórico da sociedade porto-velhense do início século XX, por meio da Arqueologia Histórica e Arqueologia da Paisagem. Este projeto pretende contribuir com novos dados e informações que possam agregar ainda mais, para a sociedade porto-velhense, a respeito de sua história, sociedade e cultura, partindo da identificação de lápides dentro do Cemitério e a busca de dados sobre essas pessoas.

Palavras-chave: Cemitério da Candelária; Hospital da Candelária; EFMM; Judeus.

ABSTRACT

TAVARES, José Ricardo Pereira. **Matzévet Kevurát: As lápides do Cemitério da Candelária, Porto Velho – RO**. 2022. 98 f. Monografia (Graduação) – Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2022.

With the advent of the Madeira Mamoré railway, a small urban core was born that later became the city of Porto Velho in the state of Rondônia, and as a result a hospital and a cemetery called Candelária, to receive the bodies of employees of the Madeira Mamoré railway company, who died of tropical diseases. It is estimated that more than four thousand graves were lost in the Candelária cemetery that we may never be able to identify. However, three tombstones are partially clothed: one of a Portuguese man (which we will call the "Aleph Tombstone"), the second of a Moroccan Jewish woman ("Beith Tombstone") and another of a Moroccan Jewish man ("Ghimel Tombstone"). Little has been said about them and the role they played in the formation, culture and society of Porto Velho. Perhaps because the lack of data and documentation from this period. This monograph brings us the opportunity to save memories related to the historical period of Porto Velho at the beginning of the 20th century, through historical archeology and landscape archeology. This project intends to contribute with new data and information that can add even more to the Porto Velho society, about its history, and its society and culture, starting with identifying tombstones within the cemetery and searching for data about these people.

Keywords: Candelária Cemetery; Candelaria Hospital; EFMM; Jews.

תקציר

TAVARES, José Ricardo Pereira. **Matzévet Kevurát: As lápides do Cemitério da Candelária, Porto Velho – RO**. 2022. 98 f. Monografia (Graduação) – Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2022.

עם הופעתה של מסילת הרכבת מדיירה מאמורה, נולד גרעין עירוני קטן שלאחר הפך העיר פורטו וליו במדינת רונדוניה, וכתוצאה מזה את בית חולים ואת בית קבורת שנקראת קנדלריה, כדי לקבל את גופי העובדי החברת המסילת הרכבת מדיירה מאמורה, שמתו ממחלות טרופיות. על פי ההערכות אבדו יותר מארבעת אלפים קברים בבית הקבורת קנדלריה שאולי לעולם לא נוכל לזהותם. עם זאת, שלוש מצבות שמלות חלקית: אחת של גבר פורטוגלי (שנכנה אותו "מצבה אלף"), שנייה של אישה יהודיה מרוקאית ("מצבה בית") ואחרת של גבר יהודי מרוקאי ("מצבה גימל"). מעט נאמר עליהם ועל התפקיד שהם מילאו בגיבוש, בתרבות ובחברה של פורטו וליו. אולי היעדר נתונים ותיעוד מתקופה זו. המונוגרפיה הזו מביאה לנו את ההזדמנות להציל זיכרונות הקשורים לתקופה ההיסטורית של פורטו וליו בתחילת המאה ה-20, באמצעות ארכיאולוגיה היסטורית וארכיאולוגיה של נוף. הפרויקט הזה מתכוון לתרום עם נתונים ומידע חדשים שיכולים להוסיף עוד יותר לחברת פורטו וליו, על ההיסטוריה, והחברה והתרבות שלה, החל מזהווי מצבות בתוך בית הקבורת והיפוש אחר נתונים על אנשים אלו.

מילות מפתח: בית קבורת הקנדלריה; בית חולים קנדלריה; EFMM; יהודים.

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1– Descrição do epitáfio da lápide Álef: Carlos Augusto Serzedello Pressler	74
Tabela 2– Descrição, tradução e transliteração do epitáfio da lápide Bê: Reina Buzaglo	75
Tabela 3– descrição, tradução e transliteração do epitáfio da lápide Guimêl: Isaac León Benchimol	81

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Sepultura de David d’Israel no cemitério Santa Cruz em Guajará Mirim.	34
Figura 2– Farmácia do hospital da Candelária. Na imagem vemos o farmacêutico à esquerda, enquanto seus auxiliares (à direita) preparam um composto que parece quinina.	37
Figura 3– Julia Monteiro medindo o berçário com a fita métrica antes de o retirar para medirmos a lápide e o túmulo.	41
Figura 4– O autor e Julia Monteiro desenhando com grafite sobre o epitáfio da lápide Bêth.....	41
Figura 5 – O autor e Julia Monteiro descrevendo sobre a Lápide Guimêl.....	42
Figura 6 – Andefábio e Elizabeth Duram, estudantes de Arqueologia medindo à distância de um trilho a outro do antigo trem da EFMM que passava na frente do hospital e cemitério da Candelária.....	43
Figura 7– Andefábio e um trem abandonado no chamado “Cemitério das Locomotivas da EFMM” em frente ao antigo hospital e cemitério da Candelária.	44
Figura 8– Vemos a lápide Guimêl, do túmulo de Isaac Benchimol, que já não possui seu berçário e mais a fundo a lápide Bêth, de Reina Buzaglo, que também não possui berçário.	45
Figura 9– Lápide Álef, do túmulo de Carlos Augusto Serzedello, ainda com seu respectivo berçário ao fundo as outras duas lápides sem os berçários.	45
Figura 10 – Foto de um autor desconhecido tirado no ano de 2007, que registra a lápide de Carlos Augusto Serzedello sem berçário e fora de seu respectivo túmulo.	46
Figura 11 – Foto de um autor desconhecido tirado no ano de 2007, que registra a lápide de Reina Buzaglo sem berçário e fora de seu respectivo túmulo.	47
Figura 12 – Foto de um autor desconhecido tirado no ano de 2007, que registra um túmulo desconhecido e, em cima dele, o berçário que estava no túmulo da lápide de Reina Buzaglo e restos, ao que parece, de uma lápide.	47
Figura 13– Alunos de Arqueologia da Paisagem da professora Laura Nisinga Cabral, juntamente com os alunos de Arqueologia Histórica II da professora e orientadora Juliana Santi.....	49
Figura 14– Alunos de Arqueologia na casa “Ilé Àşę Èşù” pertencente a Dra. Nilza Menezes que narra a história dos judeus na região de Santo Antônio ao fundo.	49

Figura 15 – Glendha Pereira editando a citação do Jornal do Alto Madeira para nos disponibilizar já organizado.....	51
Figura 16– Dr. Nilza Menezes com o processo de Reina Buzaglo (Lápide Bêl).....	52
Figuras 17 e 18 – Registro fotográfico de março de 2022, quando da visita aos galpões da Estrada de Ferro Madeira Mamoré na Recepção dos Calouros do Curso de Arqueologia, onde foi possível verificar uma cruz relatada. Foto: Santi (2022).....	56
Figura 19– Cemitério da Candelária visto a partir do hospital de referente nome.....	57
Figura 20 – Mapa do hospital e Cemitério da Candelária. Na legenda, vemos que o cemitério se encontra no número 29.....	59
Figura 21 – Enfermaria do Hospital da Candelária com os trabalhadores enfermos em tratamento.	61
Figura 22– Seguindo em direção às lápides pelo caminho de blocos feito pela prefeitura de Porto-Velho e a mata fechada cobrindo todo o cemitério, ao fundo árvores caídas..	63
Figura 23 – Lápide Guimêl e Bêl ao fundo, sem os berçários e na direita vemos Elizabeth Duram.	64
Figura 24– Andefábio e uma máquina abandonada no cemitério das locomotivas.	64
Figura 25 – Túmulo e lápide de Isaac Benchimol no Cemitério da Candelária.....	66
Figura 26 – Lápide e túmulo de Reina Buzaglo com diversas pedras em cima de sua lápide. À direita a aluna de arqueologia Regina.....	67
Figura 27 – Planta do cemitério da Candelária com suas respectivas regiões adaptadas para melhor delimitação da pesquisa adaptado pelo autor, 2021.	69
Figura 28– Planta do cemitério da Candelária na região das três lápides.	70
Figura 29 – Túmulo de Carlos Augusto Pressler Serzedello (Lápide Álef).....	73
Figura 30– Na foto vemos sentado Jacob Benzecry, Samuel Levy no meio e Isaac Benchimol em pé à esquerda. Fonte: Fototeca AHJB.	77
Figura 31 - lápide de outro Isaac Benchimol enterrado no Cemitério dos Inocentes. Foto SANTI (2022).....	78
Figura 32– Pintura de estilo “vanitas” é uma obra de arte do gênero “Memento Mori” de 1681, do artista judeu holandês Benjamin Senior Godines para o seu patrono Isaac Aboab. A pintura mostra um jovem rico e seu pequeno criado negro diante de um cadáver, referindo que a prosperidade é temporária e a morte vem para todos, tanto para burgueses quanto para proletários. Acima vemos o texto hebraico de Eclesiastes 12:13 que diz: “o fim de toda coisa ouvida é: a Elohim tema, e seus preceitos guarde, pois isto	

é todo o ser humano”. E mais abaixo Eclesiastes 8:8 que diz: “não existe capital no dia da morte”. 86

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – FOTO HOSPITAL DA CANDELÁRIA EM 1907. FOTÓGRAFO: DANA MERRIL. DISPONÍVEL EM: HTTPS://DIGITALCOLLECTIONS.NYPL.ORG/ITEMS/510D47DB-B84B-A3D9-E040-E00A18064A99	90
ANEXO 2 – PLANTA DO HOSPITAL E CEMITÉRIO DA CANDELÁRIA.	92
ANEXO 3 – Kadish completo versão sefarad. À direita a versão aramaica e à esquerda sua tradução livre elaborada pelo autor. Fonte: Sidur Sefarad, disponível em: http://www.daat.ac.il/daat/v1/sidur-sfard/sidur-sfard01.pdf	93
ANEXO 4 – ALFABETO HEBRAICO: LETRA HEBRAICA, NOME DAS LETRAS, EQUIVALÊNCIA PORTUGUESA, PROLAÇÃO E VALOR NUMÉRICO.....	94
ANEXO 5 – Jornal “A CAPITAL – PARTE COMMERCIAL”, com trecho ampliado à direita. Quinta-Feira, 30 de agosto de 1917. Disponível em: http://janellos.blogspot.com/2005/03/ . Visto em 13/07/2021.	96
ANEXO 6 – “PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DAS RUÍNAS DO HOSPITAL/CEMITÉRIO DA CANDELÁRIA IMPLANTAÇÃO” da Prefeitura municipal de Porto Velho/SPU.....	97
ANEXO 7 – Jornal Alto Madeira (RO), 15 dez 1918, nº164, p. 01, anno II - Reportagem contra Bensabath. Notamos o claro antissemitismo ao citá-lo como “o judeu” e não sua própria pessoa ao caso referente à reportagem.	98

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	10
ABSTRACT	11
תקציר	12
LISTAS DE TABELAS	13
LISTA DE FIGURAS	14
LISTA DE ANEXOS	17
SUMÁRIO	18
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1	22
PERCEPÇÕES TEÓRICAS: ARQUEOLOGIA CEMITERIAL E OS JAZIDOS JUDEUS NO CEMITÉRIO DA CANDELÁRIA	22
1.1 Contexto Histórico dos Judeus em Rondônia.....	23
1.2 B’nei Anussim, judeus negros e hibridismo cultural	27
1.4 Como é o Enterro Judaico?	30
1.5 Cemitério Histórico como objeto de pesquisa Arqueológica: Cemitério da Candelária... 34	
CAPÍTULO 2	39
MATERIAIS E MÉTODOS SELECIONADOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO	39
2.1 Descrição detalhada da metodologia realizada junto às lápides.....	40
2.2 Descrição da metodologia realizada junto aos Centros de documentação – Museu da Memória Rondoniense e Centro Cultural e de Documentação Histórica (CCDH) do TJRO . 50	
CAPÍTULO 3	54
PERCEPÇÕES ARQUEOLÓGICAS DAS LÁPIDES DO CEMITÉRIO DA CANDELÁRIA	54
3.1 Cemitério histórico como artefato.....	54
3.2 Sensações e espaço cemiterial: percepções e paisagem	55
3.3 As lápides do Cemitério da Candelária: Álef, Bê e Guimêl.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
ANEXOS	90

INTRODUÇÃO

Inicialmente gostaríamos de discorrer sobre a perspectiva de termos elaborado esse trabalho durante a Pandemia do Covid-19. Passamos por muitas incertezas até chegar aqui, o receio de irmos à campo para fazer prospecção no local do Cemitério da Candelária, os ajustes do projeto, a impossibilidade de pesquisar nos locais que havíamos selecionado, as recomendações da OMS (Organização Mundial da Saúde) do uso de máscaras, manter distância de pessoas por no mínimo 1 metro, não apertar as mãos dos outros, usar álcool em gel, se limpar quando chegar em casa, etc. Todos os trabalhos tiveram que ser interrompidos de imediato, aulas, universidade, a vida em si mudou naquele primeiro ano. Tudo mudou. Ficávamos em quarentena em casa vendo os casos de covid-19 avançarem em cada região do Brasil até chegar em Rondônia os primeiros casos. Pessoas que amávamos morrendo, e um desconhecimento total de como tratar as pessoas infectadas por esse vírus. Era como se voltássemos à Era das trevas. No entanto, quando a ciência avançou de forma tão rápida e emergente nos estudos da vacina, vimos uma luz no fim do túnel. E quando se deu início nas vacinações, num período onde poderíamos voltar a tentar uma vida social, respeitando as normas da OMS, partimos para o trabalho prático.

A proposta da pesquisa "MAOZÉVET KEVURÁT¹: As Lápides Do Cemitério Da Candelária, Porto Velho – RO" nos traz a oportunidade de resgatar memórias que se relacionam com um período histórico da sociedade porto-velhense (1907-1920).

Em 1907, pessoas de várias localidades do mundo (Marrocos, Líbano, Síria, Japão, China, Índia, etc.) imigraram para a região de Porto-Velho com o intuito de trabalharem na Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Com a chegada desses imigrantes, cresce o número de pessoas residentes e conseqüentemente as doenças, assim constrói-se o Hospital e o Cemitério, para receber inicialmente, os corpos daqueles que trabalhavam na Estrada de Ferro Madeira Mamoré (FERREIRA, 1982).

Estima-se mais de quatro mil sepulcros perdidos no Cemitério da Candelária, os quais, talvez nunca conseguiremos identificar. Pouco se fala sobre a influência que essas pessoas tiveram para a formação, cultura e sociedade local, pois infelizmente a carência de documentação desse período é enorme. Uma grande parte dessa

1 "Matzévet Kevurát", em hebraico מצבת קבורת, significa "A lápide do túmulo de".

documentação “foi destruída em uma grande fogueira em Porto-Velho” (FERREIRA, 1982, p. 389).

No entanto, ali identificamos três lápides parcialmente intactas: uma relacionada a um indivíduo de nacionalidade portuguesa (que chamarei de "Lápide Álef"), outra de uma mulher de origem judaica marroquina (que chamarei de "Lápide Bêl") e outra de um homem também de origem judaica marroquina (que chamarei de "Lápide Guimêl"). A linha inicial das duas últimas lápides carrega as palavras hebraicas que são o título deste TCC: "Matzévet Kevurát".

Por meio desta problemática realizamos um levantamento bibliográfico no Museu da Memória Rondoniense revisando jornais e revistas da época e também os trabalhos do professor doutor Samuel Benchimol (2009; 2008 & 1992) e Manoel Rodrigues Ferreira (1982). Além de referências bibliográficas como a Dra. Nilza Menezes (2004), professora Dra. Anita Novinski (2015).

Utilizamos a arqueologia da paisagem e a arqueologia histórica, no sentido de fazermos uma coleta de informação de dados *in loco* (mapeamento, fotos, croquis, etc.), para melhor acentuação de nossas considerações na pesquisa.

O presente trabalho pretendeu ajudar a preencher algumas lacunas na história da cidade, contribuindo para a memória daqueles que fazem parte da História da cidade de Porto-Velho, pelo viés da arqueologia.

O objetivo geral deste trabalho foi o de registrar a materialidade, coletar dados, informações que possam expor o cotidiano (vida social, trabalho, religião, cultura, etc.) de três atores sociais que jazem no Cemitério da Candelária, e por meio da arqueologia histórica contar a história desses que ainda não foram pesquisados.

Assim, este trabalho está dividido em 3 capítulos. No Capítulo 1 tratamos da história dos bandeirantes que passaram pela atual região de Rondônia e Porto Velho junto com Raposo Tavares que os liderava no século XII sendo, segundo os dados de Anita Novinsky (NOVINSKY, 2015), os primeiros judeus a pisarem nesta região Amazônica. Tratamos também, já no século XX, do empreendimento que foi a construção da Ferrovia Estrada de Ferro Madeira Mamoré, quando os indígenas passam a se relacionar com pessoas de várias nacionalidades e, em especial, os judeus que vem devido a EFMM: os empresários, os operários, os mascates, as prostitutas, etc. Também exemplificamos como é o processo do enterro judaico segundo o trabalho de Pinheiro (PINHEIRO, 2012), além

de demonstrarmos o Cemitério histórico da Candelária como objeto de pesquisa arqueológica.

No capítulo 2 explicamos como nasceu o presente trabalho e, a posteriori, os materiais e métodos que selecionamos para desenvolvê-lo em campo. Para a Arqueologia histórica utilizamos a teoria pós-processualista associada ao arqueólogo Ian Hodder (1996) e Funari (1998), para compreensão do contexto histórico e social daquele período. Utilizamos a arqueologia da paisagem (CRIADO BOADO; 1999), registramos fotograficamente vestígios arqueológicos que se encontram no local dos três túmulos, fizemos as descrições do contexto arqueológico traduzindo os textos das lápides, analisando cada detalhe, materialidade, questões simbólicas sem a utilização de escavação. Além disso, fizemos uma descrição das três visitas que fizemos no local para observarmos a mudança da paisagem e do contexto arqueológico em curtos períodos de tempo. E uma descrição da metodologia realizada junto aos centros de documentação: Museu da Memória Rondoniense e o Centro Cultural e de Documentação Histórica (CCDH) do TJRO.

No Capítulo 3 tratamos das sensações no espaço do cemitério da Candelária, nossas percepções (INGOLD, 200) e paisagem local. Descrevemos os epitáfios das três lápides e traduzimos as passagens em hebraico das lápides Bêt e Guimêl e especificamos padrões encontrados nas lápides judaicas na região amazônica. Inferimos, com base nos contextos e informações encontradas, uma descrição breve do que cada um daqueles enterrados nos túmulos das três lápides morreram e o que ocasionou tal morte. Com base em toda a pesquisa, fazemos uma consideração no final de que ainda tem-se uma grande lacuna nessa história e que precisamos pesquisar com profundidade essa questão.

CAPÍTULO 1

PERCEPÇÕES TEÓRICAS: ARQUEOLOGIA CEMITERIAL E OS JAZIDOS JUDEUS NO CEMITÉRIO DA CANDELÁRIA

A elaboração desta monografia partiu de reflexões e questionamentos, que serão expostos abaixo. Existem três lápides próximas umas das outras em determinada região do Cemitério da Candelária em Porto Velho RO: uma em memória a um português, conforme constatamos posteriormente nas pesquisas arquivísticas, de nome Carlos Augusto Pressler Serzedello (Lápide Álef), e duas lápides de judeus marroquinos, como consta nas próprias inscrições, uma para a mulher de nome Reina Buzaglo ר"ב (Lápide Bêl) e outra à Isaac Leon Benchimol ר"ל (Lápide Guimêl).

No alfabeto hebraico, assim como no aramaico, as letras também passam por valores numéricos (Anexo IV). Logo, a letra “Álef” א equivale a um, a letra “Bêl” ב equivale a dois e a letra “Guimêl” ג equivale a três e assim por diante. Na primeira vez que chegamos ao local, quando vimos as três lápides, as contei mentalmente em hebraico “*aḥat, shtáim veshalosh*” (uma, duas e três), que na escrita hebraica seriam as letras “Álef, Bêl, Guimêl”. Assim, escolhemos denominar essas três lápides por ser uma pesquisa que relaciona, quantitativamente, pessoas judias.

Nesse sentido, questiona-se: Qual seria o papel social e qual a representatividade cultural destes sujeitos na sociedade de Porto Velho nos tempos da E.F.M.M? Podem as inscrições das lápides traçar e delinear um perfil das pessoas que ali jazem ou não? Poderia, o português, jazido no túmulo da lápide Álef, ser judeu como as outras duas pessoas, uma jazida no túmulo da lápide Bêl e a outra no túmulo da lápide Guimêl, ou descendente de judeus? Como percebemos a paisagem deste espaço cemiterial e sua relação com as lápides deste estudo? Como delimitar e definir a região em que se encontram essas lápides?

Dentro do contexto capitalista, essas pessoas desempenhavam papéis sociais importantes na comunidade de Porto-Velho. A partir do *post mortem*, seus familiares queriam que seus entes jazidos fossem lembrados e identificados de acordo com os traços e aspectos que os identificava durante suas vidas.

2 ל"ז é um acrônimo hebraico de זיכרון לברכה "Zikhronô libraháh" (para homens) e זיכרון לברכה "Zikhronáh libraháh" (para mulheres), cujo significado é "seja bendita sua memória". É um honorífico usado para judias e judeus que já faleceram.

No entanto, com o crescimento e a expansão da cidade de Porto Velho, com a abertura da Rodovia BR 364 e a vinda de novos colonos e empresas com a expansão da borracha (FERREIRA 1982), outras circunstâncias surgiram a ponto da sociedade de Porto Velho abandonar parcialmente a EFMM e, conseqüentemente, a história do hospital e cemitério da Candelária. Com isso, inferimos que, entre os motivos do abandono das pessoas em relação ao cemitério (nesse caso com ênfase aos Judeus), um deles seria que, com o passar dos anos, muitos mudaram suas identidades sociais e culturais se inserindo a grupos religiosos (católicos, evangélicos, espíritas, etc.) e sociais para fazerem parte da sociedade e dos anseios capitalistas atuais em que vivemos.

1.1 Contexto Histórico dos Judeus em Rondônia

No século XVII, o bandeirante Antonio Raposo Tavares sai de São Paulo à Belém do Pará com duzentos paulistas e mais de mil indígenas de tronco Tupi, na missão de expandir o território da coroa portuguesa na América do Sul contra as missões jesuíticas, além de combater o avanço da ocupação francesa, inglesa e holandesa que ocorria no Norte e Nordeste da atual República Federativa do Brasil (CINTRA, 2014). Durante essa jornada, Raposo Tavares e os paulistas navegam entre os rios Mamoré e Madeira, atravessam as margens da cachoeira de Santo Antonio, carregando os seus barcos em direção à Belém (CINTRA, 2014, p. 111; SILVA E COSTA, 2014). Padre Antonio Viera, ao descrever esse feito de Raposo Tavares e seus paulistas, relata que eles passaram a avistar diversas povoações indígenas:

[...] povoações tão juntas que praticamente não havia espaço entre uma e outra, línguas totalmente diversas, apesar disso, tudo que viram era o que estava circunscrito às ribanceiras dos rios, não sabendo o que havia em territórios além da margem destes (PADRE ANTONIO VIEIRA *Apud* SILVA e COSTA, 2014, p. 115).

Dentre as etnias indígenas que viviam às margens do rio Madeira, podemos nomear os Torá, Mura, Caripuna, Abacaxis, Iruri, Unicoré, Maué, Aripuanã, etc. (SILVA E COSTA, 2014). Podemos dizer que o primeiro judeu a passar e pisar nessa região do

atual município de Porto Velho foi Raposo Tavares e muitos dos paulistas de família cristã-nova, que ainda mantinham o seu judaísmo em secreto – “cristão por fora, judeu por dentro”, como diz Novinsky:

Novas pesquisas vieram alterar diversas ideias que tínhamos sobre os bandeirantes. E uma das informações que mais contribuiu para essa mudança foi o conhecimento de que um grande número de bandeirantes, entre eles Raposo Tavares, eram de origem judaica, descendentes dos forçados a se batizar em 1497. O fato de serem cristãos-novos transforma radicalmente o quadro da Guerra das Missões Jesuíticas. O ódio que os bandeirantes nutriam pelos jesuítas tinha profundas razões ideológicas (NOVINSKY, 2015, p. 154).

No início do século XX, com o empreendimento para a construção da Ferrovia Estrada de Ferro Madeira Mamoré, nativos passam a se relacionar com pessoas de várias nacionalidades que chegam à atual região do município de Porto Velho, em Rondônia, outrora chamado de “Município e Comarca de Santo Antônio do Rio Madeira”, como descreve Ferreira:

A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré foi inaugurada no dia 1º de agosto de 1912. Mas, um mês antes, foi instalado o município e também a comarca de Santo Antônio do Rio Madeira. [...] A ata foi assinada por sessenta e cinco pessoas gradadas, entre elas Geraldo Rocha, **Jacob Bensabá**, Celestino Corrêa da Costa Salustiano Corrêa (FERREIRA, 1982, p. 296, grifo nosso).

Dentre as inúmeras pessoas de diversas nacionalidades que aqui chegaram, entre elas estão os judeus marroquinos, como é o caso de Jacob Bensabá, mencionado na citação acima. Por consequência das inúmeras perseguições religiosas e políticas, os judeus marroquinos, entre tantos outros lugares, imigraram para a Amazônia na esperança de se refugiarem e recomeçarem a vida. Sobre isso Benchimol, explica:

“...judeus que começaram a chegar à Amazônia a partir de 1810, a maioria deles procedentes de Tânger, Tetuan, Fez, Rabat, Salé, Marrakesh e outras vilas e cidades marroquinas, após terem sido expulsos da Espanha, em 1492, e de Portugal, em 1496 [...]. O êxodo dos judeus-marroquinos é explicado pelos diferentes fatores de expulsão: pobreza, fome, perseguição, discriminação,

destruição de sinagogas, etc., como de forças de atração e favorecimento, tanto de ordem política e econômica oferecidos pelo Brasil e Amazônia como a abertura dos portos, tratados de aliança e amizade, extinção da inquisição, liberdade de culto, abertura do rio Amazonas à navegação exterior e outros elementos que contribuíram para buscar a Amazônia – a nova Terra da Promissão – a Eretz Amazônia” (BENCHIMOL, 2008, p. 15).

Além desses judeus marroquinos, judeus askenazitas também se instalam na Amazônia durante o ciclo da borracha. Sobre isso, Benchimol destaca:

Uma terceira corrente de judeus askenazitas (askenaz em hebraico é o nome da Alemanha), em menor número e expressão, estabelece-se no Pará, Amazonas e Iquitos. Eles provinham da Alemanha, Polônia e países da Europa Oriental, falavam ídiche, dialeto misto de alemão e hebraico que possui rica literatura e, ainda hoje, é falado por muitas comunidades judias. Estes judeus, durante o ciclo da borracha, se tornaram exportadores de borracha, comerciantes, lojistas (BENCHIMOL, 2008, p. 75).

Além da vinda desses judeus e judias, vindos das duas regiões mencionadas, também chegaram na Amazônia mulheres judias conhecidas como “malfaladas polacas”, cujas famílias eram enganadas por agentes de facções criminosas, que sequestravam suas filhas para se tornarem produtos sexuais. Sobre elas Benchimol, expõe que:

[...] famosas e malfaladas polacas [...]. Essas pobres judias foram vítimas de uma organização criminosa, baseada em Varsóvia, sob o nome de Zwi Migdal. Seus agentes viajavam pelos guetos e aldeias judias (stetl), afirmando serem prósperos judeus, estabelecidos na América do Sul, em busca de casamento com jovens judias. Com a ajuda de inocentes úteis casamenteiros adquiriam a confiança da família e o casamento religioso era celebrado. Logo após eram embarcadas em um navio e somente depois descobriam ter sido enganadas, pois encontravam, no mesmo navio, outras esposas do mesmo marido (uma espécie de golpe que, na Amazônia Colonial, era praticado e conhecido sob o nome de cunhamena em nheengatu (tupi amazônico) [...]. Quando as judias polacas chegavam à América, Argentina, Brasil e Amazônia, já desvirginadas e não conhecendo o idioma local e não possuindo formação profissional e por serem jovens inexperientes, eram encaminhadas e vendidas para os proprietários de bordéis (BENCHIMOL, 2008, p. 76).

Muitas dessas mulheres morreram, provavelmente, de doenças e também de feminicídio. Porém, outras encontraram resistência, escondendo o seu passado judaico,

construíram famílias, tiveram filhos e netos. No entanto, seus descendentes talvez jamais conheceram sua origem judaica e toda a história de suas famílias na participação da construção do que hoje conhecemos como Amazônia.

Nesse sentido, podemos inferir que muitas dessas mulheres, as que resistiram e se reinventaram, e tantos outros judeus que aqui residiram, jazem nos cemitérios amazônicos, inclusive no cemitério da Candelária. Nilza Menezes (2004), destaca:

Conforme estudos sobre as mulheres judias (polacas), contrabandeadas e vendidas no Brasil para exploração sexual [...] observamos casos de mulheres com nome hebraico, procedentes do Marrocos vivendo em Porto Velho com homens de outras nacionalidades, qualificadas de forma pejorativa e envolvidas em processos criminais. Um exemplo pode ser encontrado no processo onde o português Manoel de Oliveira Campos e sua “concubina” Mercedes Sol Sabbat, marroquina (judia) ele com 26, ela com 25 anos de idade são acusados por brigas na residência de funcionário da Madeira Mamoré Railway Company, na vila de Porto Velho. [...] Encontramos registros com nomes hebraicos como o caso de Ida Bentes Azulay sem muitas qualificações; consta que ela vivia com Orlando Pereira da Costa com quem teve dois filhos que não receberam o nome Azulay em seus registros de nascimento, constando apenas o nome do pai. Ida era doméstica e Orlando carregador de Malas, e pelo nome de família acreditamos que fosse Ida uma judia, mas Orlando não nos dá essa pista. Apesar da premissa de que a condição de judeu seja transmitida pelo ventre materno, o documento não nos propicia esse entendimento, assim como a condição paterna, como o caso de Miriam, não foi suficiente para manter a continuidade cultural. (MENEZES, 2004, p.5)

Aqui podemos inferir que os filhos e filhas dessas judias "qualificadas de forma pejorativa" (MENEZES, 2004, p. 5) acabaram por não receber seus sobrenomes judaicos quer seja por questões circunstanciais religiosas, sociais ou mesmo para não deixar pistas do passado de tais judias. Esses descendentes talvez jamais saberão de suas raízes judaicas, assim como é o caso dos descendentes dos Bnei Anussim, os judeus forçados a serem cristãos na inquisição católica (NOVINSKY, 2015, p. 256). Além disso, tal inferência, de que essas judias estejam enterradas também no Cemitério da Candelária, se dá pela existência de duas lápides de judeus marroquinos já mencionadas, no cemitério da Candelária:

Os registros de morte como da Senhora Reina Buzaglo falecida em Santo Antonio do Rio Madeira em 1913, cujo inventário registra bens. Os autos de

inventário deixam transparecer a importância da família. (MENEZES, 2004, p. 3).
“[...] Isaac Benchimol (enterrado no Cemitério Candelária, cerca 1910) [...]” (BENCHIMOL, 2008, p. 111).

Bem próxima das duas lápides dessas pessoas, citadas por Benchimol (2008), também identificamos outra que é dedicada ao português Carlos Augusto Pressler Serzedello, falecido em 1917, como traz a nota do Jornal “A Capital” do dia 30 de agosto de 1917 (Anexo V).

As questões relacionadas as mortes que ocorreram no âmbito do sistema capitalista industrial, instalado durante a construção da EFMM, levaram a construção do Hospital da Candelária e, conseqüentemente, do Cemitério da Candelária, conforme destaca Hardman (1988):

“o Hospital da Candelária, apesar de toda sua infraestrutura, era ao mesmo tempo “santuário e túmulo, monumento do progresso científico e preâmbulo da escuridão” (HARDMAN, 1988, p. 145).

Nesse sentido, o número de mortes causado pelas doenças e acidentes de trabalho, marcaram a história da ferrovia e o imaginário da população rondoniense.

1.2 B’nei Anussim, judeus negros e hibridismo cultural

Apesar de nosso trabalho não ser nessa linha específica, gostaríamos de salientar como forma de esclarecimento que, muito antes destes judeus marroquinos e askenazitas chegarem no Brasil, já haviam aqui os “B’nei-Anussim (filhos dos forçados)”, também conhecidos por “cristãos-novos”, descendentes daqueles judeus da península Ibérica que tiveram de se converter ao catolicismo “a força” para não sofrerem as infâmias da inquisição. A história dos judeus no Brasil começa desde a chegada dos Europeus no novo continente, como esclarece Novinsky:

[...] essa história da sobrevivência do judaísmo, por quinhentos anos, impressionou o mundo. [...] Pensávamos que o fenômeno fosse único. A maior surpresa veio quando o encontramos também no Brasil. Foi verdadeiramente uma revolução quando reconhecemos judaizantes do Nordeste ao Rio Grande do Sul. Esses judeus secretos ficaram conhecidos pelo termo B’nei Anussim

(filhos dos forçados). [...] Hoje, os B'nei Anussim se sentem isolados e carentes. Não se consideram cristãos, e os judeus não os reconhecem. Em outro Congresso, realizado em Fortaleza, um cristão-novo clamou para que todo o auditório o ouvisse: “Pois é, não somos cristãos e não somos judeus. Ninguém nos quer, não somos nada, somos o rebotalho do mundo”. [...] Atualmente, os B'nei Anussim estão tomando consciência de que são numerosos. Em várias regiões já improvisaram sinagogas, onde se encontram para rezar. Seguem as tradições judaicas, estudam o hebraico, a Torá e o Talmud. Há jovens que foram para Israel estudar nas universidades. (NOVINSKY, 2015, p. 256-257)

Não somente os B'nei-Anussim já estavam aqui, como também podemos inferir que os judeus negros da África, escravizados, que perderam sua identidade judia, e se reinventaram resistindo no meio dos horrores que lhes impunham seus senhores. Sobre isso, Aires descreve:

“Os chamados Beta Israel são também conhecidos por falashas – termo do idioma etíope ghiz que significa ‘estrangeiro’. Pertencem a uma das comunidades de judeus negros espalhadas pelo continente africano. Há também os lembas em Zimbábue e na África do Sul, os igbos, na Nigéria, e os ybir ou yeber, na Somália, além de outras tribos em Moçambique, Camarões, Costa do Marfim, Gana e Quênia. [...] “Muitos nunca haviam saído de seus vilarejos e se espantaram ao ver um judeu branco”, diz Cecília Ben David, professora de cultura judaica da Casa de Cultura de Israel, em São Paulo. [...] Não há registros de tribos no Brasil, mas eles provavelmente foram trazidos para cá durante a escravidão. ‘Tantos cristãos-novos (judeus convertidos) de Portugal foram parar em alto mar após as perseguições da Inquisição que é provável que muitos tenham chegado aqui, assim como em Guiné, Congo e Angola, onde era menor o alcance inquisitorial’, diz Glasman.” (AIRES, 2012, p. 46)

A história dos judeus no novo continente transcorre com a chegada dos colonizadores europeus e dos africanos escravizados e não antes disso, pois não há nenhum referencial científico que identifique alguma origem judaica dos indígenas ou que as gravuras oriundas dos vastos petróglifos no Brasil e por todo o continente sejam oriundas de judeus que supostamente vieram com os fenícios ou de “alienígenas” como alguns supostos pesquisadores afirmam, pelo contrário, as últimas pesquisas arqueológicas confirmam que os petróglifos no Brasil e de todas as américas são de

nativos, são de indígenas!³ Podemos inferir ainda que, possa haver descendentes de judeus entre os indígenas decorrentes da sua relação entre colonizadores e escravizados, alheios a sua origem judaica. Benchimol diz:

Por esses motivos e pela mesma razão, o Brasil se tornou a maior nação marrana do mundo, com cerca de dezesseis milhões de judeus descendentes – equivalente a dez por cento da população nacional – se considerarmos todos os judeus, cripto-judeus, cristãos-novos e descendentes que aqui chegaram desde o descobrimento em 1500, pois a maioria dos degredados colonos eram de origem luso-hebraica. Se formos contar todos os Oliveira, Monteiro, Pereira, Siqueira, Pinheiro, Ferreira, Silveira, Pinto, Bentes, Silva, Alves e outros patronímicos que os cristãos-novos portugueses adotaram – geralmente nomes de árvores, bichos, lugares, cores, pedras – facilmente chegaremos à conclusão de que o Brasil tem mais descendentes de judeus do que a atual população judaica do mundo, perto de treze milhões de habitantes (BENCHIMOL, 2008, p. 197).

Assim, com as interações culturais entre os indígenas e estes primeiros judeus e seus descendentes, ibéricos e africanos, quanto posteriormente pelos judeus marroquinos e askenazitas, podemos imaginar um grande hibridismo cultural e sincretismo étnico-religioso que pode ser um tema para uma próxima pesquisa, como vemos no artigo “Judeus no Espiritismo e na Umbanda: De entidades a adeptos” de Alex Minkin. Sobre isso, diz Burke:

Uma reação comum a um encontro com outra cultura, ou com itens de outra cultura, é a adaptação, ou empréstimo no varejo para incorporar as partes em uma estrutura tradicional. É o que o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss chamava de “bricolagem” e afirmava ser uma característica de *la pensée sauvage*. Mais recentemente, este processo de apropriação e reutilização tem sido descrito e analisado também no caso da cultura ocidental, notadamente pelo cientista social francês Michel de Certeau (BURKE, 2003, p. 91).

3 Link para acesso das pesquisas: <https://www.museu-goeldi.br/noticias/arqueologia-do-alto-rio-madeira-e-tema-de-dossie-no-boletim-de-ciencias-humanas>

Assim, com toda essa diversidade cultural surge um novo sujeito que, além de judeu, é árabe, é indígena, é negro, é caboclo, é espírita, é cristão, é muçulmano, enfim, é “Tamim”⁴.

1.4 Como é o Enterro Judaico?

Duas das três lapides que são o foco da pesquisa são de judeus marroquinos e, a título de esclarecimento, explicaremos o processo fúnebre judaico que, apesar de possuir algumas diferenças e características específicas em cada comunidade judaica, em geral, segue um certo *modus operandi* que veremos a seguir, para conjecturarmos como pode ter sido o processo de sepultamento dos judeus que aqui estão sepultados.

Quando uma pessoa judia falece, a família ou responsável pela pessoa falecida deve comunicar a “Chevrá Kadishá, que em aramaico significa ‘Sociedade Sagrada’, que são judeus responsáveis pelos sepultamentos judaicos” (PINHEIRO, 2012, p. 49).

Quando na localidade não há uma Chevrá Kadishá, a própria família é a responsável por limpar o defunto e fazer todo o processo que seria feito pela Chevrá Kadishá chamado “Taharah”, ou seja, a “purificação” (PINHEIRO, 2012). O defunto recebe um banho e depois seu corpo é ungido com óleos aromáticos. Seguindo o preceito de Qohêlet/Eclesiastes 5:15, assim como chegamos ao mundo sendo purificados com banho, também assim devemos deixar o mundo sendo purificados dele.

Depois o defunto é vestido por uma mortalha, chamada em hebraico Takhrikh, de cor branca, que simboliza “pureza e a cor nacional dos judeus” (PINHEIRO, 2012, p. 48). A mortalha é uma túnica que cobre todo o corpo do defunto e é feita de algodão ou linho, ainda usada em alguns enterros no Norte e Nordeste brasileiro pelos b’nei anussim, os filhos dos judeus forçados a se converterem ao catolicismo (NOVINSKY, 2015). Baseados no Livro da Bíblia Hebraica de Mishlei/Provérbios 20:27, eles acendem vela assim que a pessoa morre:

4 Tamim, em hebraico תמים "Tamim" e cujo sinônimo é מושלם "Mushlam", significa "completo", "pleno", "íntegro". Segundo o Pentateuco de Moisés, foi o que Deus ordenou à Abraão e seus descendentes, a serem "íntegros", em Gênesis/Bereshit 17:1 e estabelece isso como a verdadeira prática religiosa aos seres humanos.

A vela deve ser acesa na cabeceira do falecido assim que ocorre a morte, durante a Shivá e nos aniversários de morte. Deste modo, os judeus acreditam que estão ajudando a alma de quem morreu no seu caminhar na direção da eternidade (PINHEIRO, 2012, p. 50).

Segundo o preceito da Mishnáh “Kevod hamet” ou “honra o morto”, a pessoa judia precisa ser enterrada em até 24 horas após o falecimento pois, conforme a crença, o morto só descansará quando for adequadamente enterrado (PINHEIRO, 2012, p. 52). Em alguns casos, espera-se mais alguns dias para enterrar a pessoa judia e os motivos podem variar, seja por questões jurídicas, ou por esperar algum familiar que viajou e deseja ver o corpo e, às vezes, quando a morte ocorreu em um yom tov⁵ (PINHEIRO, 2012, p. ibd.).

Assim que o defunto é colocado em sua sepultura é recitado o Kadish, a versão aramaica e uma tradução livre disponibilizamos no Anexo III, que é a oração aos mortos onde, segundo os cabalistas, a alma da pessoa judia ascende e se eleva ao Reino de Deus (PINHEIRO, 2012). Seguindo o preceito de Bêreshit/Gênesis 3:19 “do pó viestes ao pó retornarás”, o defunto não é enterrado num caixão, mas na própria terra vestido com a mortalha e coberto sob um lençol branco e os familiares são os primeiros a jogarem a terra para enterrá-lo (PINHEIRO, 2012).

Atualmente, muitas comunidades passaram a enterrar seus entes falecidos dentro de caixão, então isso varia de acordo com a de comunidade. A cremação é proibida pelo judaísmo, visto que se acredita que no “Dia do Juízo” um osso chamado “Luz”, semelhante à um orvalho ou um olho, que se encontra no meio do cérebro, regenerará todo o corpo e seremos ressuscitados, conforme o livro do Zohar, o livro da Cabalá:

Rabino Shimon disse: Por que esse osso durará mais do que os outros? Porque é trapaceiro e não absorve os nutrientes do alimento humano como o resto dos ossos, sendo, portanto, mais resistente do que todos os ossos e, portanto, será a raiz do qual o resto do corpo será reconstruído na ressurreição. E sobre ele é dito ‘filha de Betuel, o arameu’ – o trapaceiro (ZOHAR, 2007, p. 303, tradução nossa) .

5 “Yom tov” em hebraico significa “dia festivo”.

Segundo o rabinato, acredita-se que quem é cremado não poderá mais ser ressuscitado⁶. Por isso, recomenda-se que o defunto seja enterrado em um cemitério judaico. Os pés devem estar voltados para o leste, “em referência a Jerusalém”, e a cabeça para o oeste. A posição do defunto deve ser decúbito dorsal, ou seja, estar de barriga pra cima (FREITAS; RAMOS; KAUFMAN, 2019, p. 85). Os judeus também precisam ser enterrados em terra virgem, que não tenham tido nenhuma outra função. A cabeça do defunto deve se apoiar em algo (suporte, almofada, etc.) para que fique levemente acima do corpo, como se realmente estivesse dormindo (FREITAS; RAMOS; KAUFMAN, 2019, p. 88).

Quanto a profundidade da cova, é necessário que sua profundidade seja maior que 80 cm. Os defuntos do sexo masculino devem estar separados dos femininos, e os cohanim (sacerdotes) devem ser enterrados na porta do cemitério, para que seus familiares não sejam obrigados a adentrarem no cemitério (FREITAS; RAMOS; KAUFMAN, 2019, p. ibd.). Quanto a isso, em visita no cemitério Santa Cruz, na cidade de Guajará Mirim, o ponto final da E.F.M.M, localizada a 339 Km de Porto Velho, verifiquei a sepultura de David d’Israel ל"ז (Figura 1), que saberemos mais sobre ele mais adiante, ao lado do portão do cemitério, e me questionei se seria ele um sacerdote ou descendente dos cohanim⁷, já que ele está enterrado bem próximo à porta do cemitério ou se foi mera coincidência.

Quanto as posições das mãos dos jazidos na sepultura, elas variam de comunidade a comunidade:

A descrição arqueológica revela características fundamentais na tradição judaica, como a individualidade do corpo, por mais que externamente existisse em alguns momentos o lucillo unindo os túmulos com tijolos; a disposição em decúbito dorsal com os membros inferiores e superiores estendidos e mãos

6 Na Bíblia hebraica, especificamente no "Antigo Testamento" dos cristãos, nos livros de Josué 15:8, 2 Reis 23:10 e Neemias 3:13, é narrado sobre o "Vale de Hinom" ou "Vale dos filhos de Hinom" que servia como um "lixão" para jogar e queimar os lixos, e isso incluía pessoas marginalizadas perante a sociedade de Israel daquele período. Posteriormente "Gehinom", palavra hebraica que significa "Vale de Hinom", virou sinônimo de "inferno" tanto no judaísmo quanto no cristianismo e islamismo e acredita-se que aqueles que transgridem a Lei (Torah), passarão a eternidade num Gehinom (inferno) espiritual. Por essa razão, os rabinos concluem que pessoas cremadas já estão no Gehinom.

7 Cohanim significa “sacerdotes” em hebraico. Eram os antigos sacerdotes do Templo de Jerusalém até sua destruição no ano 70 E.C. Acredita-se hoje que a família de sobrenome “Cohen” possua esse laço sanguíneo dos cohanim até os dias de hoje e que serão futuros candidatos a sacerdotes quando o Templo for reconstruído. Saiba mais: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2771134/>

apoiadas a pelve, mesmo com variações [...] É fundamental ressaltar que existem controvérsias sobre a disposição das mãos, ora encontra-se a referência ao apoio na pelve, ora a referência da localização ao lado do quadril sem nenhum tipo de flexão (FREITAS; RAMOS; KAUFMAN, 2019, p. 86).

O período de luto é de sete dias, em hebraico esse período é chamado “Shivá”, onde os familiares ficam sete dias em casa (PINHEIRO, 2012). Essa tradição é baseada em Bêreshit/Gênesis 50:10, quando José ficou de luto por seu pai Jacó durante sete dias. Durante a Shivá é recitado salmos, o Kadish de Rabanan (Anexo III) e outras orações encontradas no Sidur, o livro de orações diárias dos judeus (PINHEIRO, 2012).

Com esses dados, podemos inferir que alguns desses procedimentos foram efetuados nos túmulos judaicos do cemitério da Candelária, mas por quem? Havia aqui em Porto Velho uma Chevra organizada para esses enterros ou os familiares e responsáveis tratavam de enterrar seus entes? Todos os tramites gerais do enterro judaico foram feitos ou não? Por que não havia aqui uma sinagoga e um cemitério judaico visto que havia, e ainda há, muitos judeus e descendentes de judeus nessa região?



Figura 1– Sepultura de David d’Israel no cemitério Santa Cruz em Guajará Mirim.
Foto: do autor, 03 de junho de 2021. Câmera traseira de celular Android Moto G6 plus: 12 megapixels e abertura f/1,7 + 5 megapixels, 4,25mm.

1.5 Cemitério Histórico como objeto de pesquisa Arqueológica: Cemitério da Candelária

No ano de 1907 a companhia Madeira-Mamoré Railway constrói o Hospital da Candelária (Anexo I) para atender os trabalhadores enfermos da EFMM, e um cemitério de respectivo nome ao lado para sepultar seus operários mortos (FERREIRA, 1982). O local escolhido para a construção desse hospital e cemitério se situava entre as cachoeiras de Santo Antônio e Porto Velho (FERREIRA, 1982), como vemos no anexo II.

As lápides variavam muito, pois aqui estavam diferentes etnias e culturas com seus respectivos rituais e práticas de sepultamento individuais. Além disso, também haviam sepultamentos sem lápides que eram feitos pela classe social mais pobre onde se colocava apenas uma cruz de madeira ou de latão como sinalizadores de suas covas (FERREIRA, 1982).

Ainda hoje o cemitério da Candelária é frequentado no dia de finados que ocorre no dia 2 de novembro, onde há uma missa ecumênica no cruzeiro próximo da atual entrada do cemitério. Pessoas fazem orações em memória e favor dos que ali jazem adicionando uma vela nas lápides e covas do cemitério. No ano de 2018 se inicia a revitalização do Cemitério da Candelária, pela Prefeitura de Porto Velho em parceria com a Santo Antônio Energia, concluída em 2019.⁸

No mês de agosto de 2021, famílias desabrigadas ocupam o cemitério da Candelária, desmatam boa parte do terreno e passam a residir e ressignificar o local o denominando por “assentamento Novo Lar”.⁹ Quem são essas pessoas e por que ocuparam esse espaço cemiterial? Quais são as imposições políticas e sociais neste momento? Precisamos conhecer os dois lados da moeda ao invés de vermos somente o lado que a sociedade capitalista nos impõe, que é a marginalização de tais famílias. Segundo o viajante Edward Davis Mathews durante a expedição que fez a essa região entre os anos de 1872 a 1874 (MATHEWS, 2020), o bioma dessa localidade possuía, além de diversos anofelinos:

“...jacarés, tartarugas, botos, peixes-boi, pirarucus, antas, onças, gatos maracajás, porcos-do-mato, capivaras, esquilos, macacos, veados, bichos preguiça, tamanduás, tatus, pacas, cachorros-d’água, tucanos, gansos e cobras como a cobra coral e jiboia” (MATHEWS, 2020, p. 102,105).

Como o trecho da EFMM tinha de ser construído desde Porto Velho até a cidade de Guajará Mirim, podemos imaginar quão perigoso e difícil era para os trabalhadores desmatarem e limparem o caminho onde iria passar a trilha do trem, com o risco de serem picados por cobras venenosas e insetos, ou serem atacados por onças, já que não conheciam o ambiente, por serem de outras regiões do país e do mundo. Por outro lado, muitas comunidades indígenas, que viviam nessa região há milênios¹⁰, foram prejudicadas, pois tiveram de se desalojar e, em muitos casos, eram mortos ou vítimas de inúmeras doenças e abusos feitos pelos operários a serviço do colonialismo capitalista.

8 Link da informação: <https://tudorondonia.com/noticias/concluida-a-revitalizacao-do-cemiterio-da-candelaria,31375.shtml>

9 Link da informação: <https://rondoniaovivo.com/noticia/geral/2021/08/31/irregular-barracos-tomam-conta-de-area-do-cemiterio-da-candelaria.html>

10 Pesquisas arqueológicas, como pode ser visto em Zuse (2014) demonstram a antiguidade e continuidade nas ocupações indígenas da região desde aproximadamente 9.000 anos atrás até o presente.

Menciona-se de forma bem clara aquilo que se sabe ocorreu de verdade, as fortes atrocidades sofridas por comunidades indígenas do rio Madeira, que foram vítimas mortais, dada a presença do branco e a sua ganância, sem freios normativos mais sérios, pela obtenção ao máximo da riqueza da região; e os trabalhos muitos, todos trazidos de fora pelos estrangeiros, acabavam desarticulando o meio social indígena e local, e enfermidades antes desconhecidas dizimavam vários povos indígenas como aconteceu com os povos Torá, Mawe, Pirahá, Parintintin, etc. (SOUSA, 2016, p. 24).

Muitos foram mortos neste processo, indígenas e colonos, e nem sequer havia tempo para serem tratados adequadamente no hospital, sendo enterrados no mesmo local onde morriam, próximo do trecho da linha do trem (FERREIRA, 1982)¹¹. Atualmente, com a expansão da cidade de Porto Velho e o crescimento populacional nessa região, chega a ser difícil pensar que, outrora, havia aqui onças, veados, tucanos e capivaras antes da expansão da sociedade capitalista nessa região.

O Nome “Candelária” dado à localidade foi porque “esse local fora, primeiramente, propriedade de um boliviano, que a vendera a um italiano chamado Bertini, que lhe dera o nome de Candelária, em homenagem a Nossa Senhora das Candeias, que se celebra no dia 2 de fevereiro” (FERREIRA, 1982, p. 205). As instalações do hospital da Candelária possuíam [...] vinte e um pavilhões de madeira, cobertos de zinco pintados de verde e circundados de duplas portas e janelas protegidas por telas de cobre visando impedir a entrada dos anofelinos. (*Apud* SOARES, 2016, p. 35, 36).

No hospital da Candelária também havia uma farmácia própria (Figura 2), “uma horta própria e um criadouro próprio de aves domésticas” (SOARES, 2016, p. 37). Segundo os dados oficiais da companhia Madeira-Mamoré Railway, desde 1907 até 1912, haviam 21.817 operários contratados de diversas nacionalidades trabalhando na construção da EFMM, mais de 6 mil morreram durante esse tempo (HARDMAN, 2005, p. 163,164).

No entanto, os que morreram no Hospital da Candelária foram somente 1.552 durante este período de 1907 a 1912, e que possivelmente estão sepultados no cemitério da Candelária (FERREIRA, 1982, p. 301). Dentre as diversas razões da morte estão

11 Guimarães (2019) trata sobre algumas práticas indígenas de sepultamentos na região do Alto Madeira.

impaludismo, beribéri, disenteria, hemoglobínúria, pneumonia, malária entre outras enfermidades (FERREIRA, 1982).

Os operários infectados com a malária e com boa condição física faziam periodicamente o uso de comprimidos de quinina, para amenizarem os sintomas maláricos e prosseguirem com os seus serviços (HARDMAN, 2005, p. 294). Os “franzinos” e já debilitados pelo vírus da malária eram deixados no hospital da Candelária ou nas cabanas improvisadas ao longo do trecho da EFMM (FERREIRA, 1982).



Figura 2– Farmácia do hospital da Candelária. Na imagem vemos o farmacêutico à esquerda, enquanto seus auxiliares (à direita) preparam um composto que parece quinina. Foto de Dana Merrill, 1910. Colorido por: Luis Claro. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/760123243355886400/>

Ao lado do hospital encontra-se o Cemitério da Candelária, para sepultar os operários da EFMM que morriam no hospital e “também pessoas estranhas que faleciam em Porto Velho ou no hospital” (FERREIRA, 1961, p. 141). Com esse dado, passamos a inferir que pessoas residentes de Porto Velho e Santo Antônio, além dos operários da EFMM, também eram atendidas no mesmo hospital da Candelária visto que só havia este na região.

No ano de 1937 a companhia Madeira-Mamoré Railway “abandona todos os seus empreendimentos na região” e, então, o Governo Federal toma posse da EFMM

(FERREIRA, 1982, p. 345), começando o início do fim de todo o trabalho, de todo o esforço dos trabalhadores e buscando apagar, na memória do Brasil, a história desses operários nacionais e internacionais, a memória de toda vida que foi perdida durante essa construção, queimando o máximo de arquivos e documentos possíveis numa enorme fogueira (FERREIRA, 1982, p. 389), que nos faz lembrar daquelas fogueiras da inquisição e das fogueiras nazistas.

Antes da EFMM ser desativada, em 1971, havia um educandário de nome “Belisário Pena” edificado sobre “o pavilhão principal” do Hospital da Candelária, não restava mais nada do hospital senão os “alicerces de alvenaria que resistiram ao tempo” (FERREIRA, 1961, p. 142). O educandário servia como alojamento para os filhos das pessoas que se tratavam de hanseníase (FERREIRA, 1961, p. ibd.).

Se a companhia Madeira-Mamoré Railway abandona a região em 1937 podemos inferir que, em algum momento entre os anos 1940 a 1960, foi construído o educandário no mesmo local do antigo hospital, como uma forma de mudar a “paisagem estrangeira” que havia no local.

CAPÍTULO 2

MATERIAIS E MÉTODOS SELECIONADOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

O presente trabalho nasceu a partir de uma atividade de campo quando os alunos do quarto período de Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, visitaram o Cemitério da Candelária.

Dentre os elementos da paisagem o que nos chamou atenção foram três lápides, e duas delas possuem inscrições hebraicas que ainda não haviam sido traduzidas e remontam ao período histórico da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, no início do século XX.

Com isso, vimos a necessidade de pesquisar sobre esses três personagens que ali jazem e que possivelmente contribuíram para a construção da sociedade Portovelhense como a concebemos hoje. O que os motivou a residir em Porto Velho, como chegaram até aqui e que papel cumpriam para a sociedade na época. Além, claro, o que restou de sua memória nos dias atuais. Pretendemos com esse trabalho, trazer novos dados para a história e memória daqueles que hoje fazem parte da História de Porto Velho.

Os objetivos específicos desta pesquisa foram pensados como uma proposta metodológica para o levantamento dos dados desta monografia e podemos descrevê-los como: consultas arquivísticas no Museu da Memória Rondoniense; registro fotográfico dos túmulos e do local no Cemitério da Candelária; percepções de possíveis padrões nas lápides; transcrever/traduzir as escritas que são visíveis nas lápides, a fim de extrair delas informações sobre cada um dos que ali estão, adentrando as questões teóricas da própria disciplina de Arqueologia Histórica.

Por meio da Arqueologia Histórica, utilizaremos a teoria pós-processualista associada ao arqueólogo Ian Hodder (1996), e Funari (1998) para compreensão do contexto histórico e social daquele período. Registraremos fotograficamente vestígios arqueológicos que se encontram no local dos três túmulos, utilizando arqueologia da paisagem (CRIADO BOADO, 1999; INGOLD, 2000) para realizar as descrições do contexto arqueológico descrevendo e traduzindo os textos das lápides, analisando cada

detalhe, materialidade, questões simbólicas sem a utilização da escavação. Além disso, mapearemos e delimitaremos os três túmulos *in loco*, com o uso do GPS.

2.1 Descrição detalhada da metodologia realizada junto às lápides

Ao todo, fizemos três visitas no cemitério da Candelária: a primeira na manhã do dia 23 de Novembro de 2020, com a companhia do advogado Youssef Hijazi Zaglhout que foi nosso fotógrafo, e os estudantes de Arqueologia do DARQ (Departamento de Arqueologia Unir) Paulo Maia e Julia Monteiro; a segunda visita, fomos com os estudantes de Arqueologia do DARQ (Departamento de Arqueologia Unir) Andefabio Corrêa e Elizabeth Duram; e a terceira com a Dra. Juliana Rossato Santi, orientadora desta pesquisa junto com um grupo de alunas e alunos de arqueologia.

Na primeira visita, do dia 23 de Novembro de 2020, fomos até o local equipados com escada de alumínio, para fazer melhores posições das fotos; chapéus, para nos protegermos do sol; roupas de manga comprida; álcool em gel e máscaras, além de sempre mantermos à distância de um metro como medidas preventivas contra a Covid-19; tênis, botas e óculos; luvas sem talco; trena; papel-manteiga e grafite para desenhar o contorno dos epitáfios contidos em cada lápide; cadernos, canetas e lápis para anotação; pincel; espátula; fita adesiva; escala para fotografias e ponteiro Norte; GPS de aplicativo de celular; escovas para limpar a camada de sujeira em cima das lápides.

Chegando até o local das três lápides, tiramos foto do berçário e da lápide Bêt, fizemos a medição do berçário e depois o retiramos (Figura 3), medimos a lápide e o túmulo. E desenhamos com grafite sobre o epitáfio da lápide Bêt com papel-manteiga (Figura 4). Para firmarmos o papel sobre a lápide passamos fita adesiva, a fim de o papel não sair do lugar enquanto desenhamos. O berçário que ali estava não pertencia ao túmulo da lápide Bêt, pois em uma conversa informal com a Dr. Juliana Rossato Santi, o berçário havia sido colocado pela empresa que fez o trabalho de “revitalização” do local, a fim de proteger e guardar a lápide em uma pesquisa anterior, porém, ao que tudo indica, pertencia a um túmulo de algum recém-nascido falecido.



Figura 3– Julia Monteiro medindo o berçário com a fita métrica antes de o retirar para medirmos a lápide e o túmulo.

Foto de Youssef Hijazi Zaglhout tirada em 23 de novembro de 2020, período da manhã. Câmera: Canon. Modelo: EOS Rebel T7. Lente: EFS 18-55 mm.



Figura 4– O autor e Julia Monteiro desenhando com grafite sobre o epitáfio da lápide Bêt.

Foto de Youssef Hijazi Zaglhout tirada em 23 de novembro de 2020, período da manhã. Câmera: Canon. Modelo: EOS Rebel T7. Lente: EFS 18-55 mm.

Precisamos atenuar nossa imaginação para buscar visualizar, de acordo com as fotos e documentações da época, como era aquele local e que tipo de paisagem estava disponibilizada ao observador. Observamos a paisagem partindo das seguintes coordenadas, empiricamente: o Tempo (as ocorrências, os movimentos, o ano, o mês, as horas e minutos), a Matéria (a materialidade que ocupa e faz parte do lugar a ser pesquisado) e o Espaço (o próprio lugar e a Paisagem resultante do mesmo) (INGOLD, 2000). A partir, destas coordenadas, descrevemos em um caderno o que visualizamos e passamos a delinear possíveis ocorrências que pudessem estar presentes no local observado (figura 5).

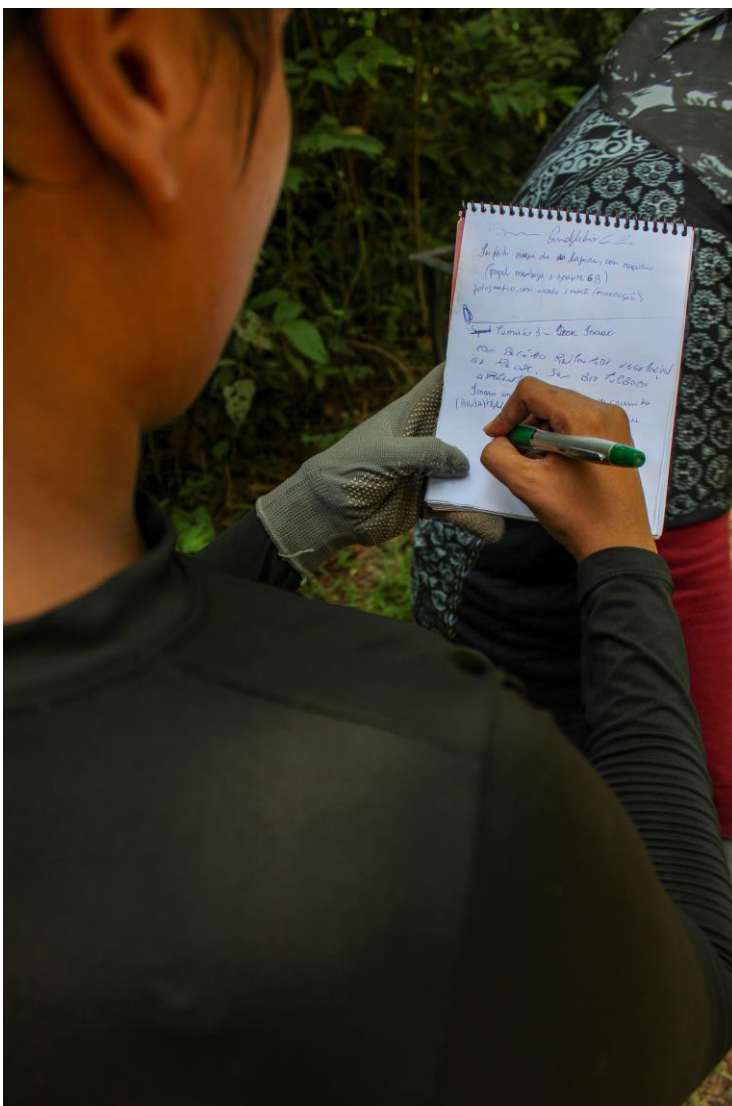


Figura 5 – O autor e Julia Monteiro descrevendo sobre a Lápide Guimêl.
Foto de Youssef Hijazi Zaghlout tirada em 23 de novembro de 2020, período da manhã. Câmera: Canon.
Modelo: EOS Rebel T7. Lente: EFS 18-55 mm.

Na segunda visita, do dia 16 de agosto de 2021, com a companhia dos alunos de arqueologia Andefábio e Elisabeth Duram, fomos até o cemitério equipados com chapéus, roupas de manga comprida, papel-manteiga e grafite. Já estávamos mais tranquilos quanto a Pandemia da Covid, pois era um período em que a taxa de mortalidade estava diminuindo por conta da vacinação que havia se iniciado em 17 de janeiro de 2021, e já estávamos vacinados com a primeira e segunda dose. No entanto, continuávamos usando máscara por motivos de segurança, e mantendo a distância quando podíamos. Antes de entrarmos no cemitério da Candelária, registramos em fotos o trilho do trem e medimos pela trena a distância de um trilho para o outro que deu 1,10 metros (Figura 6), também registramos os trens e máquinas abandonadas que se encontram próximo ao cemitério, no lugar chamado popularmente de “cemitério das locomotivas” (figura 7).



Figura 6 – Andefábio e Elisabeth Duram, estudantes de Arqueologia medindo a distância de um trilho a outro do antigo trem da EFMM que passava na frente do hospital e cemitério da Candelária. Foto do autor. Câmera traseira de celular Redmi Note 9: quádrupla com IA, Tela Full HD+ de 6.53.



Figura 7– Andefábio e um trem abandonado no chamado “Cemitério das Locomotivas da EFMM” em frente ao antigo hospital e cemitério da Candelária.

Foto do autor. Câmera traseira de celular Redmi Note 9: quádrupla com IA, Tela Full HD+ de 6.53.

Ao entrarmos no cemitério nesta vez, registramos novamente os três túmulos com suas lápides, no entanto, os túmulos da lápide Bêt e Guimêl não possuíam mais seus berçários, pois foram furtados (figura 8), exceto o túmulo da lápide Álef que ainda estava no local (figura 9). Especulamos que esse acontecimento tenha sido em decorrência da situação atual da política e economia do Brasil, pois sabe-se que no período da Pandemia da Covid-19, o ferro começou a ter um valor maior¹², por essa razão, furtos de objetos de ferro passam a ser mais recorrentes, e não seria diferente em lugares públicos, pois, tampas de ferro de esgotos haviam sumido da região central de Porto Velho¹³ como pudemos constatar.

¹² <https://www.sunoo.com.br/noticias/minerio-de-ferro-escalada-preco-vale-vale3/>

¹³ <https://www.rondoniaovivo.com/noticia/geral/2021/07/16/porto-velho-tampas-de-bueiros-desaparecem-colocando-em-risco-a-populacao.html>



Figura 8– Vemos a lápide Guimêl, do túmulo de Isaac Benchimol, que já não possui seu berçário e mais a fundo a lápide Bêth, de Reina Buzaglo, que também não possui berçário.

Foto do autor. Câmera traseira de celular Redmi Note 9: quádrupla com IA, Tela Full HD+ de 6.53.



Figura 9– Lápide Álef, do túmulo de Carlos Augusto Serzedello, ainda com seu respectivo berçário ao fundo as outras duas lápides sem os berçários.

Foto do autor. Câmera traseira de celular Redmi Note 9: quádrupla com IA, Tela Full HD+ de 6.53.

O objetivo dessa segunda visita foi em decorrência da leitura das inscrições no papel-manteiga referente a lápide Guimêl (Isaac Benchimol), houve dificuldade na

identificação das letras em certo momento do epitáfio. Além disso, queríamos procurar os túmulos de W. S. Watson, H. H. Baileg e J. D. Causey (figura 10), que iria nos dar a clareza de que, de fato, como havíamos teorizado, os três túmulos objetos desse estudo, encontram-se na parte sudoeste do cemitério da Candelária. Ocorre que encontramos uma sequência de três túmulos como vemos na figura 25, porém, encontravam-se violados, sem as suas respectivas lápides. Em uma conversa informal que tivemos com residentes próximos do cemitério da Candelária, fomos informados que muitas pessoas violaram os túmulos pensando haver peças de valor enterradas junto de seus respectivos donos.

No ano de 2007, transeuntes registraram algumas fotos que nos mostra as lápides Álef (figura 10) e Bet (figura 11) fora de seus respectivos túmulos com sinais de violação. Além disso, também vemos o berçário que se encontrava na lápide Bet posicionada em outro túmulo com tamanho e dimensão adequado ao berçário (figura 12). Com a informação dessas fotos, nesta segunda visita, fomos procurar onde se encontrava o túmulo original do berçário que estava sobre a Lápide Bet (Reina Buzaglo), mas não tivemos êxito.



Figura 10 – Foto de um autor desconhecido tirado no ano de 2007, que registra a lápide de Carlos Augusto Serzedello sem berçário e fora de seu respectivo túmulo.

Disponível em: <https://mapio.net/pic/p-7252627/>



Figura 11 – Foto de um autor desconhecido tirado no ano de 2007, que registra a lápide de Reina Buzaglo sem berçário e fora de seu respectivo túmulo.
Disponível em: <https://mapio.net/pic/p-7252689/>



Figura 12 – Foto de um autor desconhecido tirado no ano de 2007, que registra um túmulo desconhecido e, em cima dele, o berçário que estava no túmulo da lápide de Reina Buzaglo e restos, ao que parece, de uma lápide.

Disponível em: <https://mapio.net/pic/p-7254027/>

Na terceira e última visita, no dia 25 de junho de 2022, fomos com a participação dos alunos de Arqueologia da Paisagem da professora Laura Nisinga Cabral, juntamente com a professora e orientadora Juliana Santi e seus alunos de Arqueologia Histórica II (figura 13). Concluímos nosso percurso casa “Ilé Àşè Èşù” pertencente a Dra. Nilza Menezes (figura 14), próximo ao cemitério da Candelária, para ouvirmos a história dos judeus da região de Santo Antônio que a Dra. Nilza tinha conhecimento.

A perspectiva inicial era de verificar junto com os estudantes e professorar as ruínas do hospital da Candelária, mas o caminho estava muito fechado, então desistimos. A hora avançava ao meio-dia, então seguimos em direção à casa “Ilé Àşè Èşù” da Dra. Nilza Menezes. Chegando ao local, fomos muito bem recebidos pela Dra. Nilza. Depois de estarmos todos bem relaxados, ela passou a nos narrar a história que havia investigado sobre David Israel, de Guajará Mirim, e do juiz de Santo Antônio, Moisés Bensabath. Segundo o que a Dra. Nilza nos narrou, David Israel foi um rabino que abandonou sua família no Marrocos e foi residir em Guajará Mirim, casando-se novamente com uma mulher chamada Sarah de um amigo falecido dele, assumiu os filhos desse amigo e teve outros filhos com esta mesma Sarah, constituindo uma nova família. Ele, além de continuar como um rabino iconoclasta, vivia de venda de peles de animais da região, algo que para a época não era ainda visto como uma prática ilegal. Sobre David Israel diz Veltman (2005):

Em Guajará-Mirim, na fronteira com a Bolívia, encontramos David d'Israel. É um homem velho, nascido em 1900. Judeu, "não como querem os homens, mas como manda a Lei de Deus". Seu pai, Menahem, nasceu em Tebas, no Egito. Sua mãe, Ricca, na Europa, mas ele não lembra onde. Ele mesmo é natural de Borba, no Amazonas, e serviu ao Exército brasileiro. Teve três filhos, um deles vive em São Paulo, tem uma neta. Vive em Guajará Mirim desde 1940, na companhia de Sarah Azulay. Criou o filho de Sarah, Abrão, vereador por três legislaturas seguidas, chegou a presidente da Câmara. A história de David d'Israel é confusa, estranha. Ele vive mal, em condições precárias, há dona Sarah, netos e netas que ninguém sabe exatamente de quem são, nem convém perguntar muito. Enxerga mal, mas ouve o noticiário da televisão. Considera-se um profeta de Israel e amaldiçoa os rabinos. E quando a gente se convence de que está louco, atravessa a rua, entra no banco e renova uma excelente aplicação no open-market... (VELTMAN, 2005, p. 62)



Figura 13– Alunos de Arqueologia da Paisagem da professora Laura Nisinga Cabral, juntamente com os alunos de Arqueologia Histórica II da professora e orientadora Juliana Santi.
Foto: do autor.



Figura 14– Alunos de Arqueologia na casa “Ilé Așe Èșù” pertencente a Dra. Nilza Menezes que narra a história dos judeus na região de Santo Antônio ao fundo.
Foto: do Autor.

2.2 Descrição da metodologia realizada junto aos Centros de documentação – Museu da Memória Rondoniense e Centro Cultural e de Documentação Histórica (CCDH) do TJRO

Realizamos pesquisa documental em dois diferentes espaços. O primeiro foi junto ao Museu da Memória Rondoniense (MERO) e o segundo foi no Centro Cultural e de Documentação Histórica do TJRO.

No primeiro espaço, seguimos o procedimento: enviamos um pedido de agendamento para realizar a pesquisa ao e-mail do Museu da Memória Rondoniense e prontamente fomos atendidos, sendo agendado os dias 10, 17, 24, e 31 de julho de 2021 (às terças-feiras) das 09h00 às 10h30. No e-mail, a chefe da equipe do Museu, Jennyfer Martins de Sena, nos informou que: “...O uso de máscara é obrigatório, bem como a adoção dos protocolos de higienização das mãos. Para manuseio de documentos é indispensável o uso de luvas, preferencialmente de tecido - algodão. Caso opte por trazer luvas plásticas, as mesmas não devem conter talco. Demais orientações serão dadas a partir do ingresso nas instalações deste Museu. Neste primeiro momento estamos limitando a circulação de pessoas pelo prédio, com a finalidade de proteger tanto quem nos visita quanto nossos funcionários e colaboradores. Por isso, as atividades de pesquisa serão realizadas na sala 01, que foi adaptada e será higienizada propriamente a cada estadia...” para a pesquisa no Museu foi necessário seguirmos todas as medidas preventivas contra a Pandemia da Covid-19, conforme nos foi indicado, pois estávamos em plena Pandemia.

No dia 10 de julho de 2021, fomos ao Museu sendo recepcionados por Luís Brito que nos disponibilizou um computador com diversos cds que continham os jornais da época, além de um livro do autor Manoel Ferreira, que pertencia ao mesmo Luís, de título “Nas Selvas Amazônicas”. Folhando o livro de Manoel Ferreira que me foi disponibilizado por Luís Brito, tive a informação de que Isaac Benchimol (Lápide Guimêl), havia morrido de beribéri no Hospital da Candelária, sua família morava em Belém do Pará e seu amigo aqui em Porto Velho era Moisés Bensabá, a mesma informação que pudemos constatar no livro “A Ferrovia do Diabo” (FERREIRA, 1982, p. 363). Com essa informação me veio em mente outra questão: “Quem era esse Moisés Bensabá?”

Em seguida, passei a analisar os jornais “Alto Madeira”, edições de 1917 a 1950, digitalizados em cds que nos foram disponibilizados pelo Museu. São diversos

arquivos, em alta resolução, no formato TIF. Obtivemos algumas informações notáveis com este material, mas não eram relevantes à pesquisa, pois, como os arquivos estavam em formato TIF não viabilizou o trabalho por palavras chaves, o que facilitaria para futuras pesquisas. Visto que a informação que poderíamos encontrar em questão de dias em um banco de dados por palavras chaves, no formato TIF poderíamos encontrar após meses ou anos.

A segunda etapa iniciou no dia 7 de março de 2022 no Centro Cultural e de Documentação Histórica (CCDH) do TJRO, e fomos recebidos pela própria professora Dr. Nilza Menezes que nos convidou a conhecer todo o espaço do CCDH. No dia 12 de abril de 2022 voltamos até o CCDH para darmos prosseguimento à pesquisa. Novamente fomos recebidos pela Dr. Nilza Menezes e pelos estagiários, Glendha Pereira e Adolfo Mateus Carvalho, que nos ajudaram encontrando todos os documentos judiciais e jornais físicos e os digitalizados *in loco* referentes a “judeus” em Porto Velho e Santo Antônio. Durante a pesquisa no CCDH, Dr. Nilza Menezes e os estagiários Glendha e Adolfo, nos disponibilizaram todas as caixas que continham processos citando algo referente a judeus (Figura 15). Glendha Pereira ainda nos indica as caixas de processos que citam “judeus”, são as caixas de número: 132, 130, 121, 113, 117, 115, 114, 84, 86, 93, 219, 203, 339, 09, 04, 95, 96, 15, 180, 220, 215, 340, 368, 11, 01, 39, 10, 24, 12, 10, 79, 12 e 04.

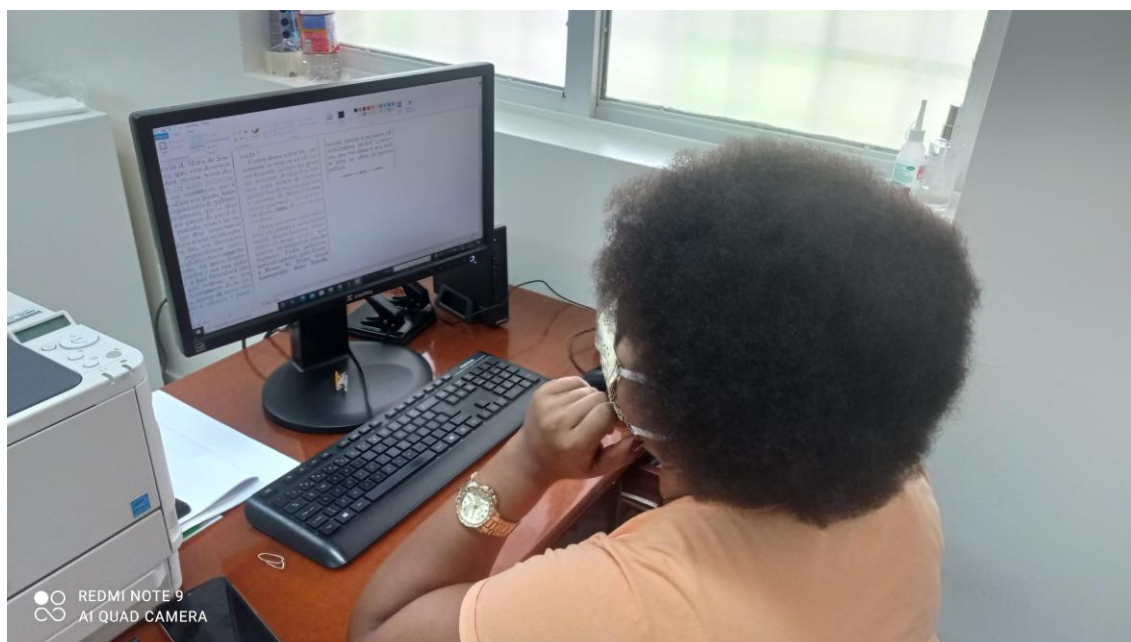


Figura 15 – Glendha Pereira editando a citação do Jornal do Alto Madeira para nos disponibilizar já organizado.

Foto: do autor. 12 de abril de 2022. Câmera traseira de celular Redmi Note 9: quádrupla com IA, Tela Full HD+ de 6.53.



Figura 16– Dr. Nilza Menezes com o processo de Reina Buzaglo (Lápide Bêl).

Foto: do autor. 12 de abril de 2022. Câmera traseira de celular Redmi Note 9: quádrupla com IA, Tela Full HD+ de 6.53.

Além disso, em uma conversa informal com a Dr. Nilza Menezes, ela nos convidou a conhecer todo o seu acervo pessoal referente as suas pesquisas sobre os judeus e árabes aqui da região de Rondônia. Tivemos acesso a diversos documentos e fotos. E um dos casos que a chocou foi a história de David Israel, aquele enterrado no cemitério de Guajará-Mirim mencionado anteriormente, que havia abandonado sua família no Marrocos e se casado novamente com outra mulher de nome Sarah em Guajará-Mirim. Ele, além de um rabino iconoclasta ilustre, era também vendedor de pele de onças e outros animais da região amazônica. E a dúvida que nos deixa a Dra. Nilza Menezes é, como ela nos pergunta: “Como um rabino que era tão respeitado na comunidade marroquina, decide ir embora para vir morar em um lugar tão longe e fazer uma nova família, deixando tudo para trás, o que houve para que ele decidisse isso?” Aliás, o que fez com que estes judeus marroquinos deixassem tudo para trás e tentassem fazer da Amazônia sua terra prometida (BENCHIMOL, 2008)?

Dentre várias questões, uma delas também era a perseguição religiosa visto que, em momentos de crise, os muçulmanos assim como os cristãos usavam os judeus como bode expiatório para os seus problemas acusando-os como a origem de todo o mal

que lhes era causado (NOVINSKY, 2015), lembrando que estamos falando de um período pré e pós guerra mundial.

CAPÍTULO 3

PERCEPÇÕES ARQUEOLÓGICAS DAS LÁPIDES DO CEMITÉRIO DA CANDELÁRIA

Neste capítulo iremos damos ênfase as sensações que sentimos e percepções que temos ao pesquisar sobre e inseridos dentro do Cemitério da Candelária. Além disso, analisamos a cultura material do local, a paisagem, as lápides, os túmulos e o contexto arqueológico, bem como o que ainda está disponível do que restou de documentos oficiais.

As lápides dos judeus enterrados no Cemitério da Candelária possuem um certo padrão nos epitáfios e vamos identificá-los neste capítulo. Alguns documentos descrevem a doença que cada um dos três entes enterrados nas lápides Álef, Bê e Guimêl morreram, de acordo com o contexto da época, buscaremos compreender como se deu cada uma dessas mortes.

Descrevemos as lápides e traduzimos as passagens em hebraico dos epitáfios das lápides Bê e Guimêl. A partir dessas traduções, realizamos análises e inferências de acordo com o contexto disponível nos documentos e materiais oficiais.

3.1 Cemitério histórico como artefato

Nesses espaços, os cemitérios, repousam os remanescentes humanos e, além dos remanescentes do corpo, aqueles do próprio ritual funerário de tais pessoas que contribuíram, de alguma forma, para a história da humanidade. São espaços de memória, onde as lápides registram dados importantes para a história – datas, nomes e epitáfios. Lima, ao se referir a alguns cemitérios, diz que: “em cada sepultura há números, nomes e datas que individualizam os mortos, permitindo a sua imediata classificação e localização, tanto no espaço quanto na escala social [...]” (LIMA, 1994, p. 90).

Os túmulos podem nos inferir, responder e nos trazer diversas questões de uma sociedade que, às vezes, nos passa despercebida. Com isso, o presente trabalho também tem por objetivo perceber os traços e as particularidades que ainda permeiam na paisagem atual, representados como um artefato arqueológico e patrimônio cultural, que restaram daquela cosmopolita sociedade de Porto Velho. Cintra diz:

Os estudos cemiteriais são uma atividade de construção, análises e reanálises constantes dos artefatos materiais – jazigos – disponíveis nos cemitérios e desses próprios estabelecimentos como um todo. O interessante é que sendo visto de maneira ampliada não apenas os túmulos, ossuários, mausoléus, etc., mas também, o próprio cemitério torna-se elemento dessa ação coordenada de estudo (CINTRA, 2014, p. 39).

Familiares e/ou amigos desejam que seus entes jazidos sejam lembrados e identificados, conforme as melhores características (virtudes, bens, conquistas, etc.) que lhes eram apresentadas durante suas vidas. Esses aspectos também podem ser verificados em relação aos interesses pessoais, familiares, culturais, religiosos ou sociais. Pearson diz que o ritual de sepultamento possui uma “[...] ideological manipulation within the construction of social strategies [...] in terms of the way the dead are seen by the living and in terms of the social relationships between competing groups.”¹⁴ (1982, p. 99), como também observaremos nas três lápides do cemitério da Candelária.

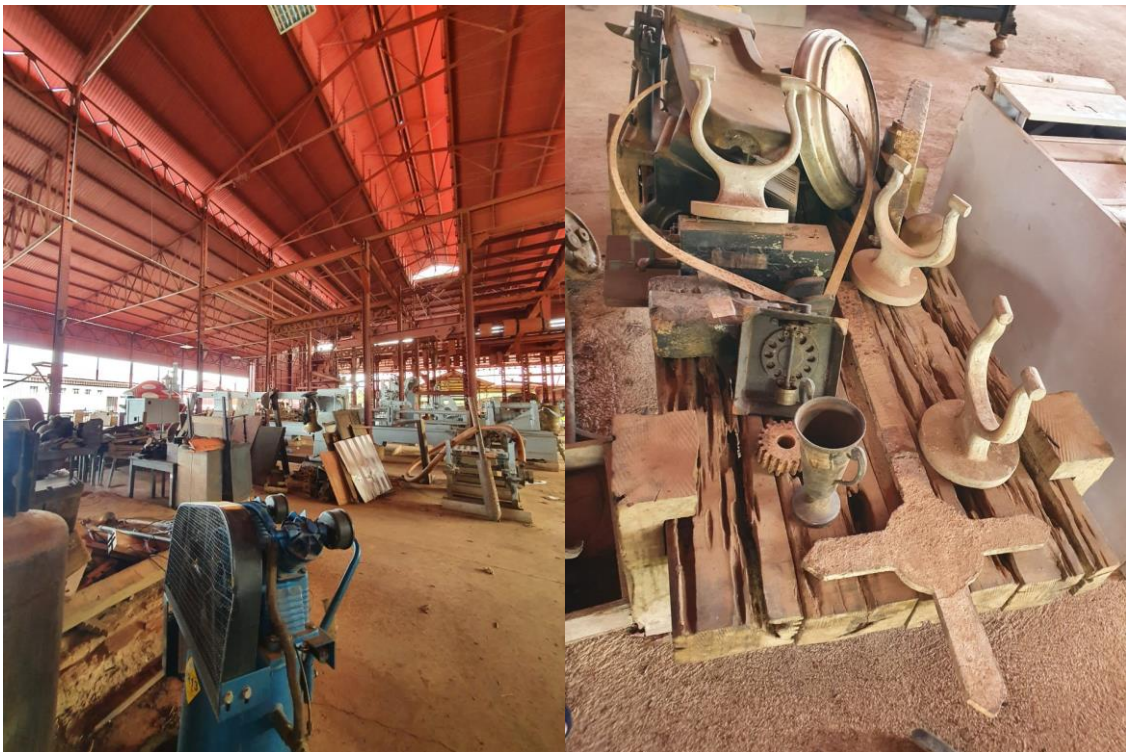
Para tanto, utilizaremos os documentos históricos, as lápides e a paisagem como artefatos arqueológicos para o estudo desta pesquisa. “Diz-se artefato arqueológico para tudo aquilo que sofreu uma interferência (ação) humana, seja no período pré-histórico, proto-histórico e histórico” (ORSER JR, 1992, p. 20), e nisso incluímos a paisagem. Diz Orser Jr.:

A arqueologia histórica usa uma série de fontes de informação em sua pesquisa. As principais são os artefatos e as estruturas, a arquitetura, os documentos escritos, as informações orais e as imagens pictóricas [...] os arqueólogos definem os artefatos como aqueles itens feitos ou modificados como resultado da ação humana. Os artefatos incluem fragmentos de cerâmica, ferramentas, obras de arte, mesas, garrafas e todos os outros objetos que apresentam alguma evidência de atividade humana em sua manufatura (ORSER, 1992, p. 31).

3.2 Sensações e espaço cemiterial: percepções e paisagem

14 Tradução nossa: “[...] manipulação ideológica na construção de estratégias sociais [...] em termos de como os mortos são vistos pelos vivos e em termos das relações sociais entre grupos concorrentes.”

Entre os anos de 1910 à 1920 haviam cruzes de madeira com suas respectivas inscrições (Figura 19) nas sepulturas do Cemitério da Candelária, tais símbolos mortuários que não mais existem no local e não sabemos quando, ou como, tais cruzes se perderam no tempo. No dia 14 de agosto de 2021, em uma conversa informal com Lord Jesus Brown, filho de barbadianos, ex-ferroviário da EFMM e atual cuidador do complexo da mesma, nos relatou que haviam ainda muitas cruzes de latão do Cemitério da Candelária guardadas em um galpão do complexo e que haviam sido levadas até lá porque estava havendo diversos furtos no Cemitério da Candelária (figuras 17 e 18).



Figuras 17 e 18 – Registro fotográfico de março de 2022, quando da visita aos galpões da Estrada de Ferro Madeira Mamoré na Recepção dos Calouros do Curso de Arqueologia, onde foi possível verificar uma cruz relatada. Foto: Santi (2022).

Ferreira (1961), quando caminhava no Cemitério da Candelária, descreveu:

Continuamos a caminhar através da mata. O calor é insuportável, transpiramos, e acho-me agora com a camisa completamente molhada [...] continuamos caminhando e frequentemente sentimos que em certos lugares existem pequenas depressões do terreno. O sr. Francisco diz: ‘Cada valado dêsse é uma sepultura’. Estas eram as sepulturas dos trabalhadores, cujas cruzes eram de

madeira, como também as inscrições. O tempo destruiu-as. (FERREIRA, 1961, p. 143).



Figura 19– Cemitério da Candelária visto a partir do hospital de referente nome.
Foto de Dana Bernard Merrill, 18 de maio de 1909. Colorida por Luis Claro. Disponível em:
<https://br.pinterest.com/pin/760123243342811063/>.

É o ambiente onde percebemos todos os nossos “pré” conceitos, hesitações, e as mazelas que uma sociedade capitalista nos proporciona. Um lugar onde transitam e residem o que a sociedade capitalista denomina de a “escória”, não se importando com o potencial pessoal do sujeito, mas o limitando apenas pela sua condição, classe social e território que lhe foi imposto, o marginalizando por não haver proveito aos olhos do capital. Precisamos ficar alertas quanto a julgamentos imediatistas e sermos coerentes. Woodward diz:

Semejante Las ‘lecturas’ de la cultura material visible permiten una rápida comunicación social. Sin necesidad de hablar. Esto permite a las personas hacer juicios rápidos. Mentir sobre situaciones sociales y otros a medida que

entran en su campo visual. Dentro de varios escenarios urbanos. Sin embargo, a la inversa, esta habilidad también constituye la base por emitir juicios apresurados, estereotipados o discriminatorios basados en clasificaciones incorrectas de personas o cosas como peligrosas, o una amenaza para orden social. Por ejemplo, un joven que lleva una patineta en una tienda centro comercial, u otro espacio público privatizado, puede ser identificado por seguridad local como potencialmente problemático. El monopatín tiene la capacidad de simbolizar amenaza o peligro social en este contexto de consumo. (WOODWARD, 2007, p. 67)¹⁵

Além das percepções já descritas, também podemos nos deparar com garrafas de vidro, tijolos e ruínas que são parte da cultura material do cemitério da Candelária. Todos esses artefatos nos informam sobre as interferências humanas com o passar dos anos.

As posições das lápides nos auxiliam a compreender a paisagem daquele período. Não podemos afirmar se a paisagem foi exatamente assim como descreveremos, mas com base no mapa (Figura 20), documentações e fotos de Dana Merrill disponíveis do Hospital e cemitério da Candelária, conjecturamos que, da observação interna do cemitério para a direção Oeste, se apresentava a seguinte paisagem: as lápides, a grama rasteira e, entre as grandes árvores, as depressões do terreno que vão descendo sentido ao rio, a estrada de ferro, o rio madeira as árvores do outro lado do rio e o belo crepúsculo que corriqueiramente ocorre no pôr do sol de Porto-Velho que “moldura os céus e engalana a natureza¹⁶”, como proclama o Hino de Rondônia.

15 Tradução nossa: “Tais 'leituras' da cultura material visível permitem uma comunicação social rápida. Não há necessidade de falar. Isso permite que as pessoas façam julgamentos rápidos. Mentir sobre situações sociais e outras à medida que elas entram em seu campo de visão. Dentro de várias configurações urbanas. Por outro lado, no entanto, essa habilidade também forma a base para fazer julgamentos precipitados, estereotipados ou discriminatórios com base em classificações incorretas de pessoas ou coisas como perigosas ou uma ameaça à ordem social. Por exemplo, um jovem andando de skate em uma loja de shopping ou outro espaço público privatizado pode ser identificado pela segurança local como potencialmente problemático. O skate tem a capacidade de simbolizar ameaça ou perigo social nesse contexto de consumo.”

16 "Quando nosso céu se faz moldura Para engalantar a natureza Nós, os bandeirantes de Rondônia, nos orgulharmos de tanta beleza." Letra: Joaquim Araújo Lima. Melodia: José de Mello e Silva.

Mapa Hospital da Candelaria - Madeira Mamoré RY

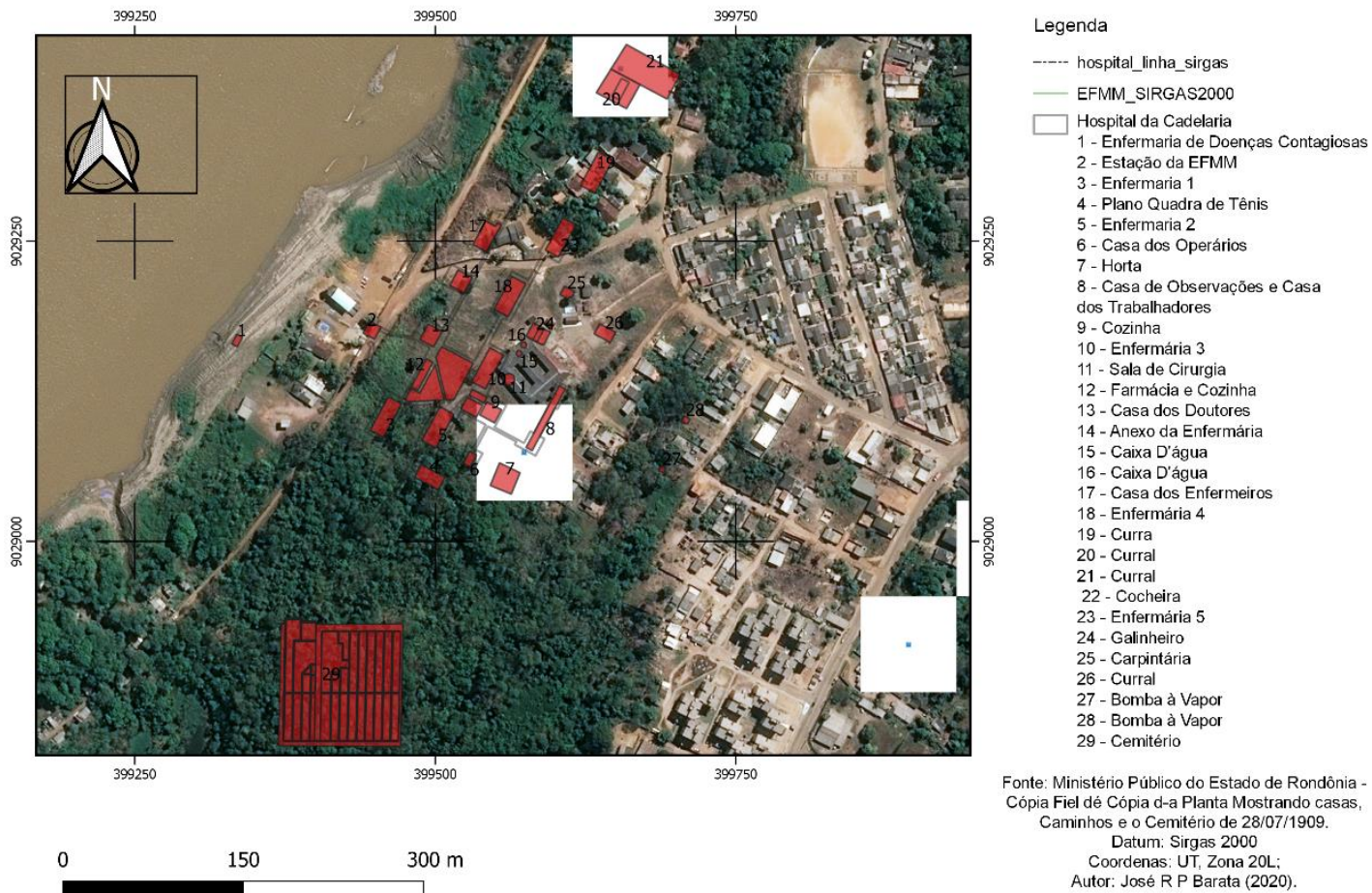


Figura 20 – Mapa do hospital e Cemitério da Candelária. Na legenda, vemos que o cemitério se encontra no número 29.
Fonte e autor: Rafael Barata.

Além disso, o que a paisagem, partindo do ponto de vista do cemitério da Candelária, alvitrou para os familiares dos jazidos e para a sociedade de Porto Velho? Nogueira diz:

Ao lado do Hospital da Candelária, foi construído um outro ambiente, o Cemitério da Candelária que recebia os corpos daqueles que não conseguiam ser salvos pelos médicos e enfermeiros do referido hospital, convivendo, assim, em um mesmo espaço, as representações da vida e da morte. No entanto, a imagem que perdurou entre a população foi aquela enaltecida pelos documentos oficiais, ou seja, a do hospital que sempre é retratado como aquele que satisfazia a todas as condições modernas de assepsia. A narrativa de Pessoa (1923), quando de sua visita a Porto Velho, perguntava o porquê da construção de um Hospital daquela proporção em uma cidade que ainda se construía. (NOGUEIRA, 2015, p. 73)

Teria sido a paisagem cemiterial e os recursos de ponta da época disponíveis no hospital usados para alentar os familiares daqueles trabalhadores em busca de um capital ali jazidos dando-lhes um certo conformismo de que tudo o que foi possível fazer havia sido feito? Mesmo com toda a tecnologia de ponta e conforto de uma enfermaria moderna (Figura 21), com todos os recursos de saúde disponíveis da época, nada impediu que os trabalhadores sofressem as mazelas e enfermidades ocasionadas pela expansão capitalista que rasgava a floresta amazônica.

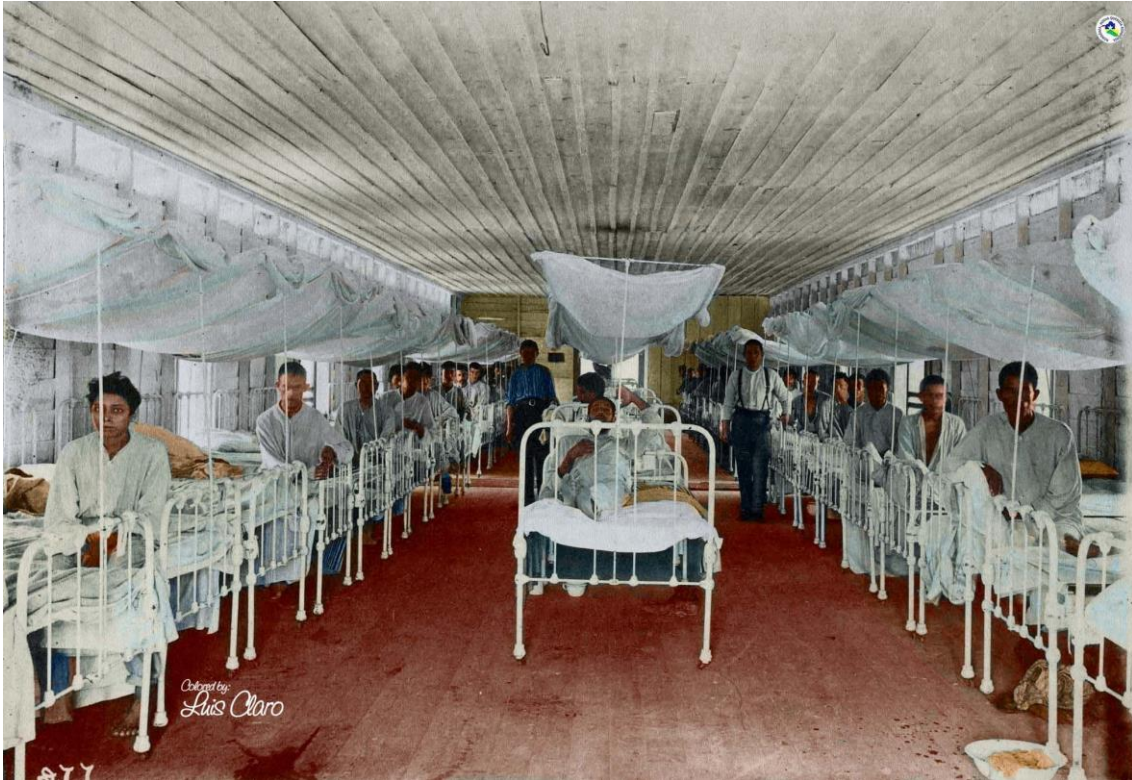


Figura 21 – Enfermaria do Hospital da Candelária com os trabalhadores enfermos em tratamento. Foto de Dana Bernard Merrill tirada em 17 de maio do ano de 1909. Colorida por Luis Claro. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/760123243335205218/> .

Precisamos manusear bem nossos sentidos quando lidamos com a paisagem e quando trabalhamos com a arqueologia da paisagem. É preciso sair da visão maniqueísta de “bem e mal”, para que nossas percepções possam, pelo menos, ser sinceras e claras quanto aquilo que vemos, ouvimos e tocamos. Cada pessoa possui uma forma de ver, ouvir, sentir, perceber e interpretar. Assim, ela descreverá uma interpretação da paisagem que pode sincronizar ou não com a observação de outro que também descreveu e interpretou. Ingold diz:

Por outro lado, diz-se que a audição, já que se baseia na experiência imediata do som, arrasta o mundo para dentro do perceptor, produzindo um tipo de conhecimento que é intuitivo, engajado, sintético e holístico. Para aqueles que gostariam de celebrar o método de indagação científica positiva como a realização máxima do espírito humano, a visão é sem dúvida o sentido superior. Todavia, por todas essas razões, não se deve confiar nela. O caminho visual para a verdade objetiva é, ao que parece, pavimentado de ilusões. Precisamente porque a visão produz um conhecimento que é indireto, baseado na conjectura dos dados limitados disponíveis na luz, ela nunca poderá ser nada mais que provisória, aberta a futuros testes e à possibilidade de refutação

empírica. Mas conquanto nunca possamos ter certeza do que vemos, não existe dúvida em relação ao que ouvimos. Uma vez que o som nos fala diretamente, a audição não mente (INGOLD, 2000, p. 4).

Observamos, sentimos e ouvimos o Cemitério da Candelária, em três momentos que serão descritos aqui. Na primeira visita, além da nossa presença, podemos notar o vento acima batendo sobre as árvores e suas folhas que caem. Vento que frequentemente não sentimos abaixo, somente um calor quase insuportável e um ambiente abafado nos dias de sol. Mesmo no pôr do sol, o ambiente permanece abafado.

Quando chegamos até o local o ambiente estava calmo e agradável, mas à medida que o sol avançava para o meio-dia o calor aumentava e a sensação de “ar abafado” fazia do ambiente um lugar insuportável. Por isso, revezávamos entre nós para tirarmos as máscaras e darmos prosseguimento da pesquisa, visto que a sensação do calor, junto com a máscara, nos gerava grande desconforto.

Além disso, algumas vezes, podemos ter a sorte de ver alguns animais da localidade nos observando, como alguns macaquinhos e pássaros. Também sentimos uma hesitação de nos depararmos com animais peçonhentos como cobras, aranhas e outros. Tive a oportunidade de sentir uma ferroada de algum inseto que não pude identificar, onde senti uma forte dor na região do pescoço e uma espécie de alergia local durante uma ou duas horas. Por isso, a importância de ir com roupas e suprimentos necessários que descreveremos mais adiante. Árvores caem com facilidade e também precisamos estar em alerta quanto a isso, pois muitas delas estão firmadas sobre túmulos e não enraizadas em um solo firme (Figura 22).



Figura 22– Seguindo em direção às lápides pelo caminho de blocos feito pela prefeitura de Porto-Velho e a mata fechada cobrindo todo o cemitério, ao fundo árvores caídas.
Foto de Youssef Hijazi Zaglhout tirada em 23 de novembro de 2020, período da manhã. Câmera: Canon. Modelo: EOS Rebel T7. Lente: EFS 18-55 mm.

Conjuntamente, se não prestarmos atenção onde estamos pisando, talvez possamos cair numa cova e por segurança é bom andar sempre na trilha de cascalho e no caminho de blocos construído pela Prefeitura de Porto Velho.

Na segunda visita, nos deparamos com a paisagem ainda abandonada e violada, pois as lápides estavam mais destruídas e já não havia os berçários sobre elas (Figura 23). Não permanecemos por muito tempo no local, pois queríamos registrar mais fotos no cemitério dos trens da EFMM que fica próximo ao cemitério e hospital da Candelária (figura 24).



Figura 23 – Lápide Guimêl e Bêl ao fundo, sem os berçários e na direita vemos Elizabeth Duram.
Foto: do autor. Câmera traseira de celular Redmi Note 9: quádrupla com IA, Tela Full HD+ de 6.53.



Figura 24– Andefábio e uma máquina abandonada no cemitério das locomotivas.
Foto: do autor. Câmera traseira de celular Redmi Note 9: quádrupla com IA, Tela Full HD+ de 6.53.

Na terceira e última visita, ao chegarmos no cemitério nos deparamos com aquela paisagem abandonada e o sentimento de esquecimento que paira no ar daquela localidade. Tivemos a oportunidade de apresentarmos o trabalho que estava sendo feito nesse TCC (devido a presença dos estudantes da Disciplina de Arqueologia da Paisagem),

nas três lápides. Realizamos uma simulação de cerimônia de enterro judaico na lápide Guimêl, de Isaac Benchimol, com a reza do Kadish e a presença de um Minian (quorum de dez pessoas) para imaginarmos como ocorreram aqueles enterros judaicos e qual sentimento tínhamos daquela simulação.

A percepção que tivemos foi de imaginar quão triste foi ver uma família ter de enterrar um jovem de 28 anos de idade (Lápide Guimêl), na altivez de sua juventude sendo levado tão cedo para o túmulo (Figura 25). Uma aluna nos informou que quando começamos a cerimônia, sentiu um forte sentimento de revolta, como se ela estivesse sentindo o que o ente enterrado sentia. Era como se ele tivesse sido traído por seu amigo, no caso, o juiz Moisés Bensabath (conforme mencionaremos no próximo sub-item). Devemos abrir nossa percepção a essas sensações pessoais para conjecturarmos o que teria acontecido, mas não temos evidências para afirmarmos se ocorreu com ele algo de tal natureza. Coincidentemente, ou não, um galho caiu repentinamente no momento em que finalizávamos a oração do kadish e um vento refrescante passou pelos presentes, que, até então, não tínhamos sentido no local, e esses dois eventos da natureza, nos trouxeram a sensação de que a cerimônia foi “aceita”, pois aquele frescor agradável que tanto desejávamos naquele lugar abafado, abrandou nossa estadia.



Figura 25 – Túmulo e lápide de Isaac Benchimol no Cemitério da Candelária.
Foto do Autor.

Uma particularidade que gostaríamos de salientar, é que observamos entre as lápides, na terceira visita, várias pedras sobrepostas na lápide Bêt, de Reina Buzaglo (figura 26). Como mencionamos anteriormente, o costume de se colocar pedras sobre o túmulo (ou lápides) é uma prática judaica (que seria uma demonstração pública de que aquele ente querido foi lembrado e suas memórias estão preservadas, assim como “garantem” que suas almas permaneçam onde elas devem ficar), porém, não temos evidência suficiente para afirmar que as pedras ali colocadas foram para esse propósito ritualístico judaico.



Figura 26 – Lápide e túmulo de Reina Buzaglo com diversas pedras em cima de sua lápide. À direita a aluna de arqueologia Regina.
Foto do autor.

3.3 As lápides do Cemitério da Candelária: Álef, Bêt e Guimêl

Conforme foi aventado nos documentos pesquisados, o cemitério da Candelária possuía, inicialmente, cerca de dez mil metros quadrados, tendo todo o perímetro de quatrocentos metros como vemos na figura 27. A posição em que os jazigos eram sepultados seria, frequentemente, de leste a oeste.

Nessa pesquisa, para fins didáticos, dividimos o cemitério em quatro regiões, tendo cada uma delas em média dois mil e quinhentos metros quadrados: região sudoeste, região noroeste, região nordeste e região sudeste do cemitério. Essa divisão difere daquela da planta original, de 1909 (figura 27), onde observa-se um corredor que divide duas partes do cemitério, uma maior a Leste e uma menor a Oeste. Na mesma planta do cemitério estão desenhados três túmulos fora e/ou na margem do perímetro do cemitério,

a sudoeste, e são elas identificadas com o nome de seus respectivos jazigos: “W. S. Watson”, “H. H. Baileg” e “J. D. Causey”.

Quando Ferreira (1961) visitou o cemitério em algum momento entre a década de 1950 a 1960, muitos túmulos já haviam se perdido no local, sem os seus respectivos sinalizadores (cruzes, lápides, etc.). Dentre as inúmeras vítimas deste empreendimento capitalista malsucedido enterrados no cemitério, Ferreira (1961) pôde identificar alguns jazigos:

J. R. Kennedy, falecido em 26 de novembro de 1910, idade 26 anos [...] T. C. Brandes, falecido em 6 de outubro de 1909, idade 43 anos; Albert Rube, 29-1-1911, 48 anos; E. C. Pickett, 11-12-1910, 28 anos; C. S. Jennison, 10-11-1910, 31 anos; A. Jones, 4-8-1909, 47 anos; **J. D. Causey, 6-12-1908, 22 anos**; Franz Forst, 10-10-1909, 33 anos. Tomo nota de mais nove inscrições e deixo as outras. (FERREIRA, 1961, p. 145, grifo nosso).

PLANTA DO CEMITÉRIO DA CANDELÁRIA DA PLANTA DE 1909 DE AMARILDO TELES PLAÇA CATANI

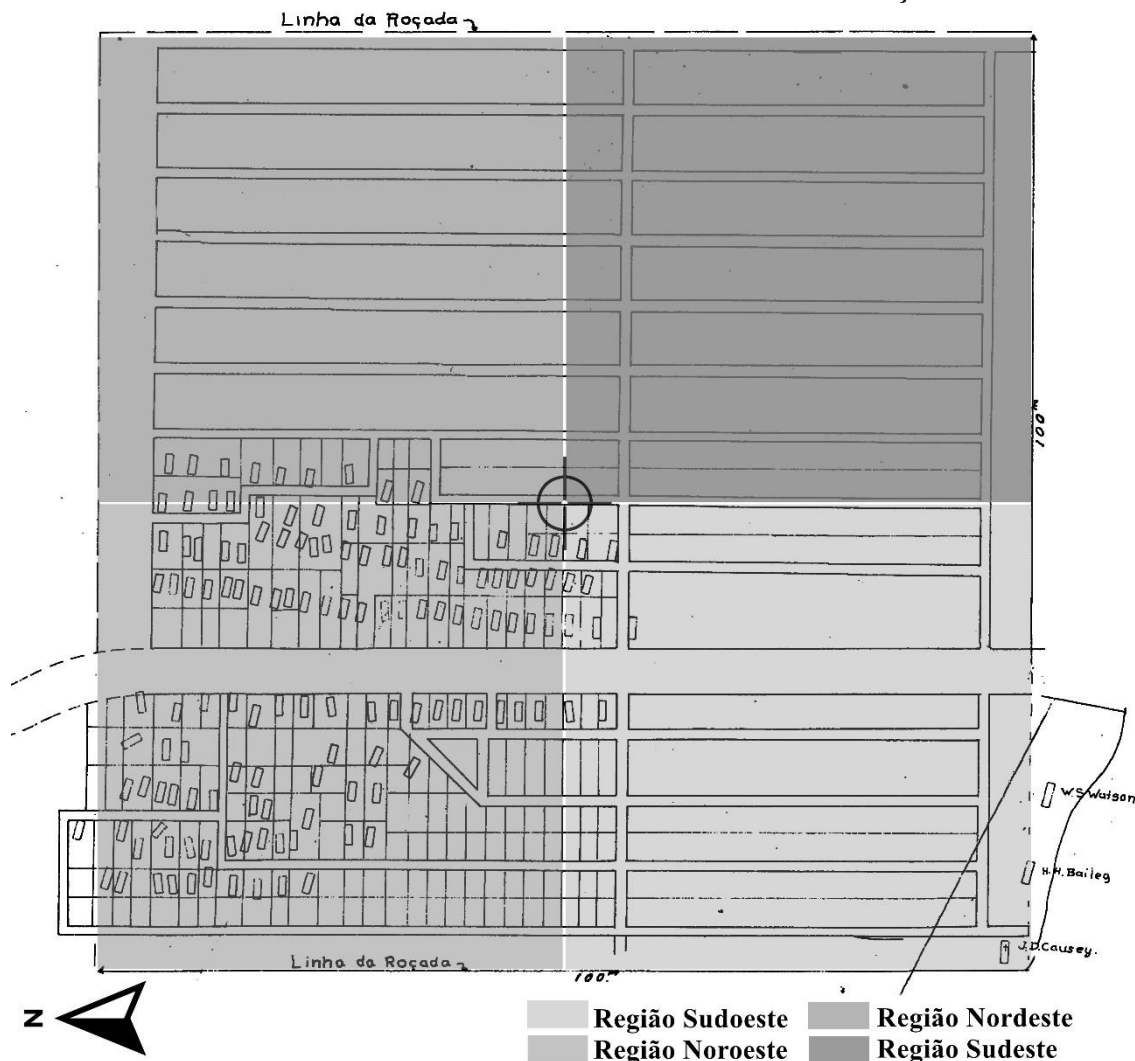


Figura 27 – Planta do cemitério da Candelária com suas respectivas regiões adaptadas para melhor delimitação da pesquisa adaptado pelo autor, 2021.

Observamos que, durante sua pesquisa dentro do Cemitério da Candelária, Ferreira (1961) se encontrava na parte sudoeste do cemitério, onde encontra a sepultura de “J. D. Causey” também mencionada na planta do cemitério da Candelária (Figura 27). Inferimos que seja essa mesma região sudoeste do cemitério que se encontra as três lápides Álef, Bêl e Guimêl e que são o foco desta pesquisa. Atualmente a paisagem está muito diferente, por isso a dificuldade em delimitar a área definida na planta de 1909, por isso inferimos a localização. Tal inferência é baseada no mapa elaborado por Rafael

Barata (figura 24) que delimita exatamente a região onde se encontra as três lápides (Álef, Bêt e Guimêl) na região sudoeste do antigo Cemitério. Além dessas três lápides vemos montículos próximos a essas três lápides e que, posteriormente, ao lermos o "PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DAS RUÍNAS DO HOSPITAL/CEMITÉRIO DA CANDELÁRIA IMPLANTAÇÃO" (ANEXO VI), descobrimos ser covas como podemos ver na figura 28 a seguir.

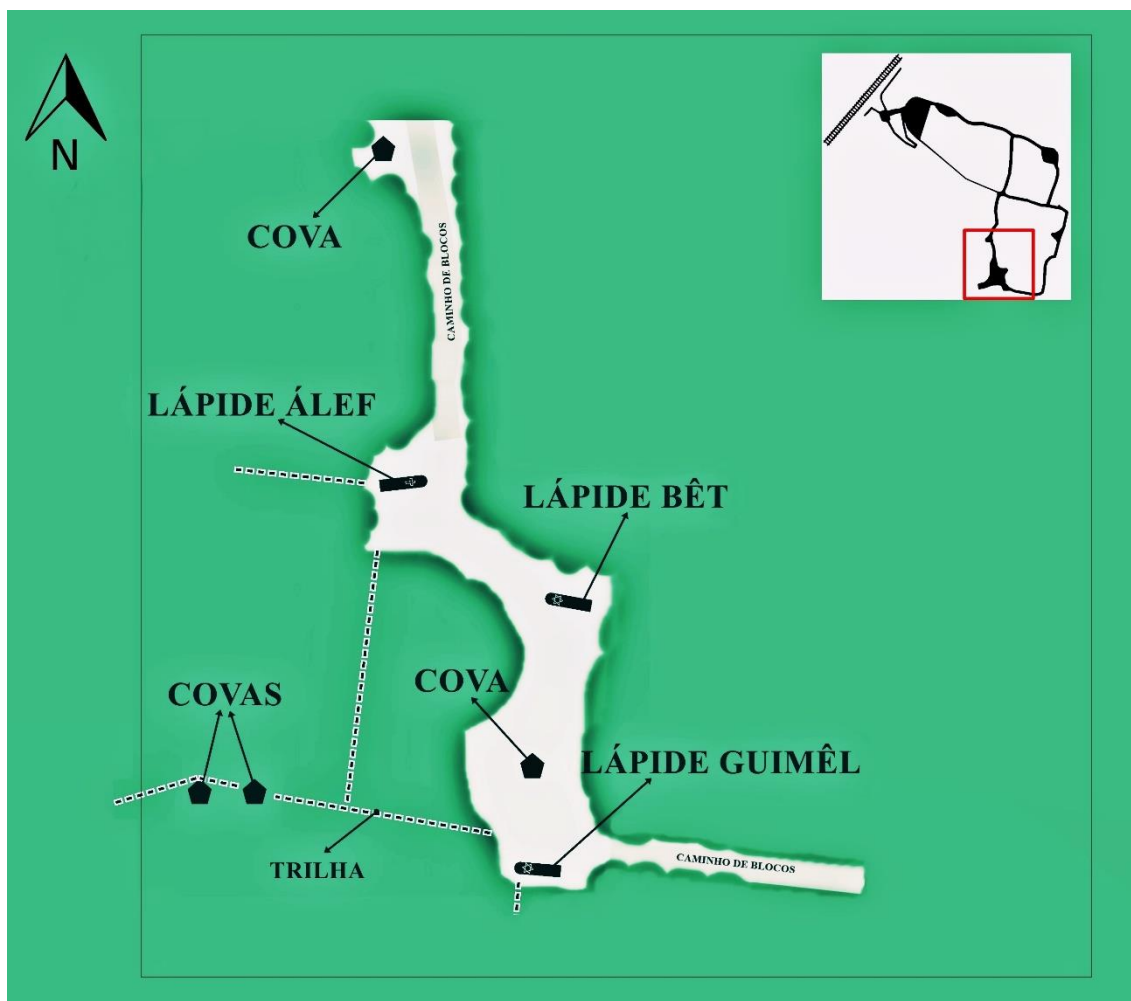


Figura 28– Planta do cemitério da Candelária na região das três lápides. “PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DAS RUÍNAS DO HOSPITAL/CEMITÉRIO DA CANDELÁRIA IMPLANTAÇÃO” da Prefeitura municipal de Porto Velho/SPU (ANEXO VI) adaptada pelo autor, 2021.

O Título em hebraico “matzévet kevrát” que cada lápide desses judeus recebeu aqui na região amazônica, provém de um trecho da Bíblia Sagrada do livro de

Gênesis capítulo 35 versos 18 a 20, tal livro que conhecemos, em hebraico, por Bereshit¹⁷, que diz:

E estando no seu trabalho de parto, disse-lhe a meyalédet [parteira]: "Não temas, pois também terás este filho!" E foi quando saiu a alma dela, porque morreu, e ela chamou o nome (de seu filho) Ben-Oni [filho da minha força vital], mas seu pai o chamou de Biniamin [filho da destra]. E morreu Rahel e foi sepultada no caminho de Efratáh, que é Beit-Léhem. E posicionou Jacob uma lápide sobre o túmulo dela, dizendo: Matzévet Kevurát [A Lápide do Túmulo de] Rahel, até hoje. (Bereshit/Gênesis 35:18-20, tradução nossa).¹⁸

Essa passagem se encontra no final da Parashah¹⁹ Vayishlach²⁰, quando Rahel morre ao dar à luz à Benjamin, que é o décimo segundo filho de Jacob e o segundo filho de Rahel. Depois de Jacob sepultar Rahel em Bet Lehem (Belém), volta para casa e se une a seu pai Isaac. Nas lápides judaicas, dos judeus sefarditas²¹, costuma-se possuir algumas frases, ou palavras hebraicas, ou símbolos padronizados em seus epitáfios, cujas distinções são mínimas, a saber: a estrela de David (Maguén David); as palavras מצבת קבורת "Matzévet Kevurát", que significa "lápide do túmulo de"; as letras פ נ פו que são siglas de פה נטמן "Pôh Nitman", que significa "aqui foi enterrado"; uma frase da Bíblia hebraica; o dia, mês e ano hebreu em que a pessoa nasceu e/ou morreu; as letras hebraicas תהא נפשו/ה צרורה בצרור החיים que é um acrônimo de תהא נפשו/ה צרורה בצרור החיים "tehê nafsho/a tzerurah bitzerur hachaim", que significa "esteja a alma dele (dela) entrelaçada no laço da vida (eterna)", que é uma paráfrase das palavras que disse Abigail ao rei David em I Samuel 25:29 na Bíblia hebraica. Quando não há mais espaço no epitáfio para escrever o ano judaico por extenso ou uma frase de tamanho maior, coloca-se as letras לפק, que são acrônimo de לפקט קטן, em hebraico "lifrát katán" que significa "pequena minúcia", e, em seguida, vem a sigla do ano hebreu ou frase hebraica.

17 Bereshit, em hebraico בראשית, literalmente significa "Em um princípio", uma expressão semítica semelhante à do nosso português "em princípio". Lamentavelmente essa palavra passou a ser traduzida por "No princípio" perdendo seu sentido original e nos trazendo um teor ignorante ao real contexto hebraico.

18 No original hebraico:

וַיְהִי בְהִקְשָׁתָהּ בְּלִדְתָהּ וַתֹּאמֶר לָהּ הַמְנִי לְדָת אֶל־תִּירְאִי כִּי־גַם־זֶה לָךְ בֵּן. וַיְהִי בְצֵאת נַפְשָׁהּ כִּי מָתָה וַתִּקְרָא שְׁמוֹ בְּנֹאֲוֹנִי וְאָבִיו קָרָא־לוֹ בְּנִיָּמִין. וַתָּמָת רָחֵל וַתִּקְבָּר בְּדֶרֶךְ אֶפְרַתָּה הוּא בֵּית לְחֶם. וַיָּצַב יַעֲקֹב מִצֵּבָה עַל־קְבֻרָתָהּ הוּא מִצֵּבַת קְבֻרַת־רָחֵל עַד־הַיּוֹם. בְּרֵאשִׁית פֶּרֶק לָהּ פְּסוּקֵי י"ז עַד כ'.

19 Parashah em hebraico significa "Porção". Existem 54 "porções" que dividem a Torah, o Pentateuco de Moisés, para a leitura anual.

20 Vayishlach em hebraico significa "e enviou" é uma porção da Torah que começa em Gênesis 32:4 e termina em Gênesis 36:43.

21 Judeus sefarditas são os descendentes dos judeus provindos da Península Ibérica ou Norte da África.

A primeira lápide (Lápide Álef) é do túmulo do português Carlos Augusto Pressler Serzedello, falecido em 1917, como traz a Necrologia do Jornal “A Capital” do dia 30 de agosto de 1917 (Anexo V):

Notícia vinda de Porto Velho, trouxe-nos a infausta nova do falecimento do Sr. Carlos Augusto Serzedello Pressler, que fora até bem pouco tempo guarda-livros da casa Andresen e, depois, suplente da diretoria. O pranteado cavalheiro foi vitimado por uma terrível nefrite e contava 45 anos de idade, era português, solteiro, pertencendo a respeitável família lusa, sendo uma irmã sua viúva do filho do grande Pinheiro Chagas, digno militar que ofereceu sua vida em holocausto a causa da República do seu país por ocasião da proclamação da mesma. Intimamente identificado com o trabalho, o ilustre morto viajou em três continentes, exercendo as funções de guarda livros. Assim é que esteve em diversos lugares da Europa, da África e ultimamente na América, em toda a parte conquistando vasto círculo de amigos que eram atraídos por seu extremo cavalherismo e esmeralda educação de que era dotado, lhe permitindo falar diversas línguas. Em Manaus, não menos operosa, foi a sua estadia, sendo a fundação do jardim Zoológico, mantido às suas próprias custas, vivo atestado do quanto afirmamos nossos sentidos pesâmes a distinta família que vem receber tão lastimável golpe que roubou a vida um cavalheiro operoso e digno. (Jornal A CAPITAL, Quinta-Feira, 30 de agosto de 1917. Disponível no ANEXO V)

Segundo o site Tua Saúde (2021), a nefrite é uma inflamação dos glomérulos renais causada por diversas doenças como hepatite, diabetes ou mesmo infecção por HIV.

Os sintomas são a diminuição da urina, urina com a presença de sangue, suor excessivo e aumento da pressão arterial. As principais causas são o excesso de uso de medicamentos como analgésicos, antibióticos, anti-inflamatórios, diuréticos e anticonvulsivantes. Além de doenças autoimunes, como Lúpus eritematoso sistêmico, Síndrome de Sjögren, Doença sistêmica associada a IgG4; Exposição prolongada a toxinas como lítio, chumbo, cádmio ou ácido aristolóquico; pessoas com vários tipos de nefropatias, câncer, diabetes, glomerulopatias, HIV, doença falciforme têm um maior risco de sofrer de nefrite. (Tua saúde, 2021)

Carlos Augusto Pressler Serzedello é apresentado à sociedade de Porto Velho como um português e no epitáfio de sua lápide há uma gravura de uma cruz, além de uma cruz de ferro fincada (Figura 29), embora não sabermos se ele era católico, protestante ou se identificava com alguma outra cultura e/ou religião.



Figura 29 – Túmulo de Carlos Augusto Pressler Serzedello (Lápide Álef).
Foto: do autor, 16 de agosto de 2021. Câmera traseira de celular Android Moto G5 plus: 12 megapixels e abertura f/1,7.

Inferimos que Carlos Augusto Pressler é descendente de judeu askenazita por parte de seu pai, porém não sabemos se ele tinha conhecimento ou era alheio quanto a isso. Tal inferência se dá pela evidência de seu sobrenome Pressler. O sobrenome Pressler tem nomes ilustres como Mirjam Pressler, judia e autora do livro “Anne Frank’s Family”, e o pianista judeu alemão Menahem Pressler. Dentre as vítimas do Holocausto nazista, conhecemos o testemunho da judia Eva Pressler²². A lápide Álef está direcionada de Oeste a Leste, ou seja, os pés em direção ao Oeste e a cabeça em direção à Leste, diferente das outras duas que estão no lado contrário. Quanto a descrição da lápide Álef é como se segue:

22 Link de acesso para a entrevista na íntegra: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn701560>

Tabela 1– Descrição do epitáfio da lápide Álef: Carlos Augusto Serzedello Pressler

LÁPIDE ÁLEF – CARLOS AUGUSTO SERZEDELLO PRESSLER	
LINHA	TEXTO
01	AQUI JAZ
02	CARLOS AUGUSTO SERZEDELLO
03	PRESSLER
04	NASCIDO
05	EM 27 DE JULHO DE 1876
06	FALLECIDO
07	EM 17 DE AGOSTO DE 1917
08	FILHO DE
09	FREDERIC PRESSLER
10	D. MARIA THEREZA
11	SERZEDELLO PRESSLER
12	_____
13	RECORDAÇÃO DE
14	ETELVINA A. MONTEIRO P.

A segunda lápide (Lápide Bêth) é do túmulo da judia, Reina Buzaglo, falecida em 1914, como consta em seu epitáfio. Na primeira visita que fizemos no Cemitério para a pesquisa, começamos a partir desta Lápide e propositalmente a nomeamos de Bêth, pois é com a letra Bêth que se inicia a Torah, o Pentateuco de Moisés²³.

Na caixa de número 79, com a ajuda de Glendha Pereira, encontramos um processo cível de Reina Buzaglo (Figura 16), a mesma jazida no túmulo da Lápide Bêth e falecida no Hospital da Candelária, a identificação do documento no CCDH é DC0005283, número de Catalogação 00015/1915. Devemos esclarecer que os

23 Segundo a tradição judaica, a Cabalá, o mundo começou a partir da letra Bêth, a segunda letra do Alfabeto hebraico e cujo valor é 2. Referindo-se que o mundo é constituído por códigos binários, para haver o equilíbrio universal: céu e terra, noite e dia, treva e luz, etc. Também representa a força da Mãe, da mulher, do Sagrado Feminino, o Receptáculo Sagrado.

documentos se encontram em escrita cursiva, de um escriba preparado para esse tipo de trabalho, e que a informação ali descrita nos foi muito bem narrada pela Dra. Nilza Menezes, já que não tínhamos convivência e experiência com tais documentos.

Para reconstruir as lacunas que faltava no epitáfio de Reina Buzaglo, recorri a outros contextos de lápides judaicas que há no cemitério dos Inocentes e cemitério de Santo Antônio, ambos em Porto Velho. As palavras dentro de {} são reconstruções de lacunas, as palavras dentro de [] são o que significa cada sigla do epitáfio.

No processo, segundo a narrativa da Dra. Nilza Menezes, consta que Reina havia morrido de moléstia, mas não especifica qual, e que todos os seus bens haviam sido dados para aquele mesmo juiz, Moisés Bensabath, por seu genro Elias Leon Buzaglo, como vemos a partir da folha 24 do processo, pois a família de Reina decide ir embora da cidade. Apesar de seu genro possuir o mesmo sobrenome de Reina Buzaglo, é assegurado no processo de que eles não eram parentes próximos. Dentre os bens deixado por Reina Buzaglo descreve o processo, na folha 7, uma casa de taipa coberta de zinco, com três portas e uma janela de frente a uma rua de nome Felix de Lima, 260 libras esterlinas e 800.000 mil Reis. Onde seria essa rua? Quais vestígios arqueológicos restaram desta casa? Poderíamos encontrar alguma coisa referente a cultura judaica no local? Talvez em pesquisas futuras podemos encontrar uma consideração à essas perguntas.

Tabela 2– Descrição, tradução e transliteração do epitáfio da lápide BêT: Reina Buzaglo

LÁPIDE BÊT – REINA BUZAGLO			
LINHA	TRADUÇÃO	TEXTO HEBRAICO RECONSTRUÍDO	TRANSLITERAÇÃO DO TEXTO HEBRAICO
01	“A lápide do túmulo de” (Bêreshit/Gênesis 35:20)	מַצֵּוֶת קְבוּרָת	Matzévet kevrát
02	A honrada mulher	הָאִשָּׁה הַקְּבוּדָה	Haisháh hakevodah
03	A pobre viúva	הָעֵלְוָה אֶלְמָנָה	Haaluváh almanáh

04	Reina, jovem de Abraham Buzaglo	רינא נע {רת אבר} הם בוזאגלו	Reina naa {rát Avra} ham Buzaglo
05	Ela foi tragada no dia cinco de Sivan	נבל {עה ביום} תמש סיון	Nivl {áh beyom} hamêsh Sivan
06	Ano de cinco mil e seis-	שנת {תמשת אלף} ים ושש	Shenát {hameshet alaf} im veshêsh
07	-Cento e setenta e quatro	מאות וארבע ושבעים	Meôt vearbá veshivyím
08	Pequena minúcia: “Esteja a alma dela entrelaçada nos laços da vida [eterna]” (Shmuel Alef/1 Samuel 25:29)	לפ"ק [לפרט קטון] תנצב"ה [תהא נפש צרוה בצרור הים]	LF''K [lifrát katan] TaNTZaVa''H [tehe nafshah tzeruráh bitzror haHaim]
09	_____		
10	AQUI JAZEM		
11	OS RESTOS MORTAES DE		
12	REINA BUZAGLO ESPOSA DE		
13	ABRAHAM BUZAGLO		
14	FALLECIDA		
15	NO DIA 30 DE MAIO DE 1914		
16	COM A EDADE DE 41 ANNOS		
17	LEMBRANÇA		
18	DE SEUS FILHOS E GENRO		

A terceira lápide (Lápide Guimêl) é do túmulo do judeu, Isaac Leon Benchimol, falecido em 1913, como consta em seu epitáfio. Segundo Ferreira (FERREIRA, 1982, p. 363), Isaac era originado de Belém do Pará, seu amigo era Moisés Bensabá, o conhecido juiz e coronel Moisés Bensabath. O sobrenome Benchimol é bem conhecido pela história de Saul Benchimol ל"ט, fundador das empresas Bemol e Fogás,

cujo documentário de sua família pode ser assistido na internet²⁴, e do professor Dr. Samuel Benchimol ז"ר, que dentre seus diversos livros e trabalhos acadêmicos tomamos referência nessa pesquisa. Quando iniciamos essa pesquisa encontramos uma foto (figura 30) de um jovem de nome Isaac Benchimol encontrados na Fototeca da AHJB (Arquivo Histórico Judáico Brasileiro) de judeus marroquinos residentes da região amazônica. Seria ele o Isaac Benchimol enterrado no túmulo da lápide Guimêl?



Figura 30– Na foto vemos sentado Jacob Benzecry, Samuel Levy no meio e Isaac Benchimol em pé à esquerda. Fonte: Fototeca AHJB.

24 Saul Benchimol: A saga de um judeu na Amazônia | Documentos da Amazônia: <https://www.youtube.com/watch?v=al1JBzZ21io>

Com o auxílio das pesquisas feitas pela Glendha Pereira encontramos no Jornal Alto Madeira, do dia 17 de outubro de 1918 Ano II Nº 147, que Moisés José Bensabath era um juiz de direito, muito conhecido na sociedade de Porto Velho. Seria esse Moisés José Bensabath o mesmo Moisés Bensabá mencionado por Manoel Ferreira (FERREIRA, 1982, p. 363), amigo do jazido Isaac Benchimol da lápide Guimêl? Podemos inferir que sim, apesar de que “Moisés Bensabath” seja um nome muito comum, como um "José da Silva", na comunidade judaica Marroquina. Assim como pudemos constatar uma lápide de outro Isaac Benchimol enterrado no Cemitério dos Inocentes (figura 31), em Porto Velho, e que não é o mesmo Isaac Benchimol (Lápide Guimêl) enterrado no Cemitério da Candelária. Segundo Ferreira (FERREIRA, 1982, p. 363) o documento de óbito do jazido na Lápide Guimêl, tinha como referência de que Isaac Benchimol (Lápide Guimêl) era amigo de um Moisés Bensabá, possivelmente como uma referência de que o falecido tinha uma relação social com o juiz e coronel Moisés José Bensabath²⁵.



Figura 31 - lápide de outro Isaac Benchimol enterrado no Cemitério dos Inocentes. Foto SANTI (2022).

25 Link da informação disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pesq=coronel%20mois%c3%a9s%20bens&pagfis=23752>

Mas por que Isaac Benchimol (Lápide Guimêl) morreria de beribéri, uma doença causada pela falta das vitaminas do complexo B, encontradas em peixes, ovos, carne bovina e suína, leite, aveia, cereais integrais, feijão, amêndoas, abacate, vegetais verdes, verduras e legumes, visto que ele mantinha uma relação social com alguém que poderia muito bem lhe ajudar, como um bom amigo, em momentos difíceis? O que realmente aconteceu?

Além disso, Glendha também encontra uma informação no Jornal do Alto Madeira, por meio da Hemeroteca²⁶, que nos dá indícios de antissemitismo aqui na região de Rondônia acerca dos judeus ao não mencionar o nome do juiz Moisés Bensabath, mas apenas o nomeá-lo de “o judeu” e seu trabalho de “tucinho forense” (Anexo VII) como um ataque direto, não somente à sua pessoa, mas à comunidade judaica e aos judeus que viviam em Porto Velho e Santo Antônio. Não é de admirar visto que também aqui viviam gregos, italianos, alemães, árabes e outros povos com suas respectivas religiões que não tinham uma relação amigável com os judeus (FERREIRA, 1982). Em uma conversa informal com Messody Bennesby, filha do grande empresário da época Sr. Saul Bennesby ז"ר, ela nos relatou que quando ia para a escola os seus colegas diziam coisas incongruentes sobre os judeus, uma delas era que os judeus colocavam seus entes falecidos atrás da porta. Messody nos conta que quando seu pai havia falecido, quando ainda era criança de nove a dez anos de idade, pediu para que sua mãe não deixasse seu pai atrás da porta.

Quanto à doença beribéri que o levou a óbito, o site do Ministério da Saúde esclarece:

O beribéri é uma doença causada pela deficiência de Tiamina (também conhecida como Vitamina B1). Quando há carência dessa vitamina, pode ocorrer comprometimento da função neural e cardiovascular [...] A deficiência de Tiamina pode levar de dois a três meses para manifestar os sinais e sintomas que inicialmente são leves como insônia, nervosismo, irritação, fadiga, perda do apetite e energia e evoluem para quadros mais graves como parestesia, edema de membros inferiores, dificuldade respiratória, cardiopatia e óbito. A deficiência de Tiamina pode levar de dois a três meses para manifestar os sinais e sintomas que inicialmente são leves como insônia, nervosismo, irritação, fadiga, perda do apetite e energia e evoluem para quadros mais graves como parestesia, edema de membros inferiores, dificuldade respiratória, cardiopatia e óbito. [...] Grande parte dos surtos de Beribéri associa-se a condições de pobreza e fome, relacionando-se com situações de insegurança alimentar e nutricional, alimentação monótona baseada em arroz polido, elevado teor de

26 Link da informação disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pesq=Juiz%20Bensabath%20n%c3%a3o&pagfis=24265>

carboidratos simples e alguns grupos de risco específicos como alcoolistas, gestantes, crianças e pessoas que exercem atividade física extenuante. (Ministério da Saúde, 2022)

Com base nas evidências da citação acima, podemos inferir que Isaac Benchimol estava passando por uma crise financeira que lhe acarretou em uma alimentação não adequada, como viver se alimentando de chibé, prática costumeira nessa região em tal período (FERREIRA, 1982). Tal crise financeira também nos infere que ele não era operário da EFMM Railway, mas algum tipo de mascate, um caixeiro-viajante, andarilho de porta a porta que vendia suas bugigangas, um judeu borra-botas²⁷ que temia a hostilidade que as famílias conservadoras, do ocidente cristão, sempre apresentavam em seus momentos de crise. Também podemos inferir que Isaac estivesse se aventurando em outra profissão do gênero, mas como poderia um amigo, aparentemente íntimo de um coronel e juiz, morrer de beriberi? Ele não poderia ter ajudado seu amigo em momentos de crise? Será que houve, em algum momento não citado, o rompimento dessa amizade, seja por mulher ou outra questão qualquer? O que realmente aconteceu e não está narrado nos documentos oficiais? Como descreveremos a realidade que ocasionou tal fatalidade?

Para reconstruir as lacunas que faltava no epitáfio da lápide de Isaac Benchimol, assim como de Reina Buzaglo (Lápide Bêt), também recorreremos a outros contextos de lápides judaicas que há no cemitério dos Inocentes e cemitério de Santo Antônio. As palavras dentro de { } são reconstruções de lacunas, as palavras dentro de [] são o que significa cada sigla do epitáfio.

27 Borra-botas é um termo depreciativo provindo do sobrenome judaico “Bohabot”, uma família originalmente de mascates do Marrocos. Tal sobrenome originou o termo depreciativo que é um sinônimo para uma pessoa sem fama, desconhecida, cagona e covarde.

Tabela 3– descrição, tradução e transliteração do epitáfio da lápide Guimêl: Isaac León Benchimol

LÁPIDE GUIMÊL ISAAC LEÓN BENCHIMOL			
LINHA	TRADUÇÃO	TEXTO HEBRAICO RECONSTRUÍDO	TRANSLITERAÇÃO DO TEXTO HEBRAICO
01	“Lápide do Túmulo de” (Bêreshit/Gênesis 35:20)	מַצֵּבֶת קְבוּרָת	Matzévet kevrát
02	Aqui foi enterrado	פֹּה נִטְמָן	Pôh nitman
03	Foi plantado o intitulado “durante sua plena juventude” (Yóv/Jó 8:12). “Chame- o de seu rabino” (Pirkei Avot/capítulo dos pais 6:3)	נִטַּע נִמָּן עוֹדְנוּ בְּאַיְבוֹ קְרָאוּ רַבּוֹ	Nitá niman odênu beibô. Kraô rabô
04	aquele que cumpre o preceito de “honrar pai e mãe”. (Shemot/Êxodo 20:12)	מְקַיֵּם מִצְוֹת כְּבֵד אָב וָאֵם	Mekaiêm mitzvát kaved Av vaÊm
05	Longe está o pobre jovem	רַחֵק הַבְּחִיר הַעָלוּב	rahak habahur healuv
06	Itzhak-Shimol bar Youdah, sua alma é do Éden.	יִצְחָק־שִׁימּוֹל בֶּר יְאוּדָה נ"ע [נִשְׁמָתוֹ עֵדֵן]	Yitzhak-Shimol bar Youdah N"É [Nishmatô Éden]
07	Foi enterrado para sua eterna morada no dia 5 no ano (vigente), 27 de Adar, o primeiro (mês) do ano (hebreu)	נִלְב"ע [נִפְטָר לְבֵית עוֹלָמוֹ] בְּיוֹם ה' בִּשְׁ[נָה] כ"ז אָדָר הָא' שְׁ[נָה]	NLB"É [niftar levêit olamô] beyom 05 besha[náh], 27 Adar harishon sha[náh]

08	Que “Acordem e cantem, habitantes do pó [da terra]!” (Yeshayahu/Isaías 26:19) Pequena minúcia:	ש הקיצו ורנגו שוכני עפר ל"פ"ק]	She Hakitzu veranenu shokhnei afar L[FK]
09	“esteja a alma dele entrelaçada nos laços da vida [eterna]” (Shmuel Alef/1 Samuel 25:29)	תנצב"ה [תהא נפשו צרורה בצרור החיים]	TaNTZaVa’’H [tehe nafshô tzeruráh bitzror haHaim]
10	_____		
11	DESCANSA		
12	{E}M ETERNA PAZ O JOVEN		
13	ISAAC LEÓN BENCHIMOL		
14	QUE BAIXOU AO TUMULO		
15	CONTANDO APENAS 28 PRIMAVERAS		
16	TRIBUTAO LHE ETERNA RECORDAÇAO		
17	A SUA INCONSOLAVEL MÃE		
18	IRMÃOS CUNHADO E AMIGO		
19	FALLECEU		
20	A 6 DE MAR{ÇO} 1913		
21?	{ ? }		

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar este trabalho, gostaríamos de enfatizar que esta pesquisa está em aberto, pois não há como chegarmos a uma conclusão com tantas lacunas que existem nessas histórias de vida pouco narradas. Aliás, como integrante da comunidade judaica, prezo pelo respeito às histórias que aqui descrevemos.

O que vimos pudemos compreender com a paisagem local é que, em algum momento, tudo será esquecido e o novo virá buscando ressignificar a história, o contexto com base no material disponível. Nas três visitas que fizemos ao cemitério, observamos que a materialidade só é significativa para uma comunidade quando ela é percebida e consequentemente ressignificado.

Como exemplo citamos, os berçários. Em dado momento serviram para “abrigar” outras lápides, já que, as que eram originais haviam sido destruídas e em um segundo momento foram furtados, passando a servir como renda para os que os venderam em ferro velho para que o sujeito pudesse ganhar o seu sustento em meia à uma Pandemia e uma crise financeira brasileira.

Outro exemplo, é o próprio cemitério da Candelária que, como mencionado anteriormente, serviu de alojamento para algumas pessoas desabrigadas. Tudo muda de significado de acordo com o tempo, matéria e espaço são ressignificados no tempo e no espaço.

Além disso, o que farão as autoridades e nossa sociedade sobre essa história que está sendo lançada ao esquecimento a cada dia? Usurpada por pessoas que, cuja ignorância, os faz pensar que aquilo não representa uma parte da história delas, são questionamentos que representam as ambiguidades do Patrimônio cultural na nossa sociedade.

Ressaltamos que apesar de ter passado por uma revitalização esse espaço não possui incentivos culturais como visitação de escolas públicas, uma revitalização do local mais proativa. Um pequeno museu local, com pessoas capacitadas a narrarem essa história e preservarem o local, com fotos, imagens antigas, etc. Uma fiscalização adequada é necessária, além de auxiliar, de alguma forma, a comunidade local para que as incentive a preservar o cemitério e a EFMM como um patrimônio mundial a ser zelado por todos.

Acreditamos ter atingido nosso objetivo, pois, coletamos dados e informações da vida de Carlos Augusto (Lápide Álef), Reina Buzaglo (Lápide Bê) e Isaac Leon Benchimol (Lápide Guimêl). Registramos, além dos túmulos e epitáfios de suas lápides, documentos materiais nos livros e inventários que nos dão uma inferência de suas vidas sociais, trabalho, religião, cultura, etc. A arqueologia histórica nos fez trazer a luz um registro material e histórico ofuscado pela história dos vitoriosos.

A vida de Reina Buzaglo (Lápide Bê), cujo o inventário contidos no CCDH (Centro Cultural e de Documentação Histórica TJRO) registram bens, uma família de status social. Ao que sabemos era viúva, mantinha uma vida judaica em casa, assim como todos os outros judeus dessa região e os antigos marranos. Morava em uma rua chamada Felix de Lima, que provavelmente encontraremos em mapas antigos da cidade de Porto Velho no Museu Palácio da Memória Rondoniense (Mero), quando faleceu de uma moléstia não descrita já era viúva de seu esposo Abraham Buzaglo. Seus filhos deixam a cidade de Porto Velho, após seu falecimento, apesar de ainda hoje vemos alguns Buzaglos residirem na cidade. E os imóveis ficam para o juiz Moisés Bensabath.

A vida de Isaac Leon Benchimol (Lápide Guimêl), cuja família residia em Belém do Pará e veio tentar fazer seu capital aqui em Porto Velho. Em seu obituário registra que ele havia morrido de Beriberi e também afirma que seu "amigo" era Moisés Bensaba, cujas evidências nos inferem ser o mesmo juiz Moisés Bensabath. Não há evidências de que Isaac Benchimol fosse operário da EFMM, e a razão de sua morte deixa isso mais claro. Possivelmente, fosse um mascate ou um soldado da borracha, mas também não temos evidências claras. Também podemos inferir que o mesmo Moisés Bensabá fosse amigo da família de Isaac, e que sua família lhe enviou a Porto Velho na esperança de que Isaac estaria sob a tutela de Moisés Bensabá enquanto o jovem não se estabilizasse. Ocorre que o mesmo falece desnutrido sem alcançar o seu capital, apenas uma lápide "honrosa".

A vida de Carlos Augusto Serzedello Presller (Lápide Álef), cuja necrologia o exalta como um "cavalheiro pertencente a respeitável família Lusa", que viajou em três Continentes, exímio guarda-livros, que falava "diversas línguas" e que veio falecer "lastimavelmente" de nefrite.

Certos interesses políticos e religiosos estão envolvidos nesse embate. Como vimos anteriormente os judeus, mesmo nessa região tão longe da Europa, dos polos do Antissemitismo, ainda sofriam estigmas do antissemitismo. Eram ofuscados, não era

narrado muito sobre sua cultura e religião, quando seus nomes eram citados em jornais da época, as referências sempre davam a entender que eram cidadãos cristãos católicos ou simpatizantes da igreja católica ou mesmos cristãos protestantes, como vimos em jornais da época durante o percurso da pesquisa, mas jamais judeus. E quando havia a menção "judeu", via-se o estigma do antissemitismo.

Ainda hoje existem pessoas de Porto Velho que não sabem da existência de judeus nessa região de e que houve, desde antes do nascimento da cidade (na construção EFMM) e há até os dias de hoje, judeus nessas regiões que conhecem ou não sua identidade judaica.

Pessoas saíram de suas regiões de origem (Marrocos, Líbano, Palestina, Grécia, Japão, China, EUA, etc.) em busca de realizar suas metas, sonhos e voltarem para casa vivos. Coisa que para muitos não aconteceu, mas que cujas vidas foram apagadas para sempre no solo do Cemitério da Candelária. Não sabemos ao certo se um dia iremos identificar cada corpo que ali está enterrado e a que vida e cultura pertenceu. O que faremos sobre isso? Ontem foram eles, amanhã seremos nós! Queremos ser esquecidos quando morrermos? Vale tanto a pena se arriscar em busca de um capital? Quem disse que sim ou não? Quem construiu essa ideia para nossa sociedade? Quem construiu essa cultura de uma busca de capital? Existe outros meios de encontrar a dignidade e a estabilidade na vida sem essa busca utópica do capital? Vale a pena abandonar quem amamos em busca de um capital? Quem disse que sim ou não? Respostas para essas perguntas talvez sejam respondidas de uma forma individual, cada um faz o seu caminho para a felicidade, mas devemos observar este trabalho como um memorial, um Memento Mori²⁸.

Sim, vamos morrer. E o que fizemos? Seremos lembrados ou esquecidos? A resposta não sabemos. Marco Aurélio, imperador romano e filósofo estóico do século II d.C, disse uma vez “O que fazemos agora ecoa na eternidade... Pense em você como alguém que morreu. Você viveu sua vida. Agora, agarre os dias que sobraram e viva-os de maneira adequada. Aquele que não transmite luz cria sua própria escuridão.”²⁹

Também nos levamos à uma frase de Hilel, grande sábio judeu que viveu no século I a.C a I d.C, que diz "Se não sou por mim, quem será? E quando sou por mim

28 Memento mori é uma expressão latina cujo significado é "lembre-se que você morrerá um dia", ou literalmente "lembre-se da morte".

29 Fonte: <https://sociologialiquida.org/frases-marco-aurelio/>

mesmo, o que eu sou? E se não agora, quando?"³⁰ Com isso ele quer dizer, "Se não tomo uma atitude agora, quem tomará? E quando tomo uma atitude, continuo no mesmo propósito que antes, ou mudarei meu propósito e acordo vou progredindo? E se eu não mudar agora o que precisa ser mudado, quando mudarei?" Devemos pesquisar outros meios de viver a vida, de fazer política, de viver em sociedade e repensar na nossa humanidade. Talvez estamos estabelecendo certezas e convicções incertas e desejando algo que talvez não queremos para nós. Devemos parar para pensarmos, em analisarmos o ontem e o agora para nosso amanhã não ser tão infortúnio para nós. Existe uma frase judaica extraída do livro de Eclesiastes 8:8, Kohelet em hebraico, que nos diz “não existe capital no dia da morte”. Encerramos esse trabalho com a pintura de gênero Memento Mori do artista judeu holandês Benjamin Senior Godines de 1681 (figura 29). Tal arte para nos fazer refletir sobre o nosso ontem, o nosso hoje e o nosso amanhã. A morte virá tanto para burgueses quanto para proletários.



Figura 32– Pintura de estilo “vanitas” é uma obra de arte do gênero “Memento Mori” de 1681, do artista judeu holandês Benjamin Senior Godines para o seu patrono Isaac Aboab. A pintura mostra um jovem rico e seu pequeno criado negro diante de um cadáver, referindo que a prosperidade é temporária e a morte vem para todos, tanto para burgueses quanto para proletários. Acima vemos o texto hebraico de Eclesiastes 12:13 que diz: “o fim de toda coisa ouvida é: a Elohim tema, e seus preceitos guarde, pois isto é todo o ser humano”. E mais abaixo Eclesiastes 8:8 que diz: “não existe capital no dia da morte”.

Disponível em: https://artuk.org/discover/artworks/a-memento-mori-192076/search/keyword:memento-mori--referrer:global-search/page/1/view_as/grid

30 Tradução nossa de: אים און אגני לי, מי לי. וכשאני לעצמי, מה אני. ואם לא עכשיו, אימתי: Disponível em: <https://oraita.net/avot/chapter/1/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIRES, Lidiane. "Judeus negros: há quase 30 anos, uma operação do governo israelense deu início a retirada de judeus da Etiopia. Muitos africanos são judeus--e exames de DNA confirmam isso." **Aventuras na História**, agosto. 2012, p. 44-48. Disponível em: <https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA303896077&v=2.1&u=anon%7E833e5216&it=r&p=AONE&sw=w> Acesso em: 15/08/2021.
- BALLASTEROS, Arias; VILARIÑO, Otero; POUSA, Varela. **Los paisajes culturales desde la arqueología**: Propuestas para su evaluación, caracterización y puesta em valor. Coruna: Instituto de Estudos Galegos Padre Sarmiento, 2005.
- BARBOSA, Deuziane de Vasconcelos. A presença do judeu em contos Amazônicos, de Inglês de Sousa. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG** – Belo Horizonte, v. 8, n. 15, maio 2014.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia** – Formação Social e Cultural. 3.^a ed. Manaus: Editora Valer, 2009.
- BENCHIMOL, Samuel. **Eretz Amazônia** – Os judeus na Amazônia. 3.^a edição revista. Manaus: Editora Valer, 2008.
- BENCHIMOL, Samuel. **Romanceiro da Batalha da Borracha**. Manaus: Imprensa Oficial, 1992.
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.
- Carlos Augusto Pressler Serzedello. **“Janêllos” da História**: Os Serzedello, 2005. Disponível em: <<http://janellos.blogspot.com/2005/03/>>. Acesso em: 26/05/2021.
- CINTRA, J. P. Raposo Tavares e a Formação Territorial Brasileira. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.**, v.98, p.103 - 116, 2014.
- CRIADO BOADO, Felipe. Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la Arqueología del paisaje. **CAPA: Cadernos de Arqueología e Patrimonio**, Universidad de Santiago de Compostela, v. 6, 1999.
- DEETZ, James F. e DETHLEFSON Edwin S. **Death’s Head, Cherub, Urn and Willow**. Cambridge e Santa Barbara, p. 83 – 89, Originally published in *Natural History*, v. 76 (3), p. 29 – 37, 1967.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1982.

FERREIRA, Manuel Rodrigues. **Nas selvas Amazônicas**. São Paulo: Editora Biblos, 1961.

FREITAS, P. C.; RAMOS, A. C. P. T.; KAUFMAN, T. N. 2019. Tem judeu aí? Arqueologia das práticas funerárias do Sítio Pilar, Recife-PE. **Fundamentos**, v. XVI, n.2, p. 73-103.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu (Coord). **Cultura material e arqueologia histórica**. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ UNICAMP, 1998.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HODDER, Ian. **Interpretación em arqueologia: Corrientes actuales**. Barcelona: Editorial Crítica, 1986.

INGOLD, Tim. Pare, olhe, escute! Visão audição e movimento humano. Tradução: Ligia Maria Venturini Romão, Marcos Balieiro, Luisa Valentini, Eliseu Frank, Ana Leticia de Fiori e Rui Harayama. **Ponto Urbe**, São Paulo, ano 2, versão 3, p. 1-52, jul, 2008. Disponível em: < <https://pontourbe.revues.org/1925>>. Acesso em: 08.07.2021.

LIMA, Tânia de Andrade. *De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade social)*. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 2, p.87-150, jan./dez., 1994.

MACHADO, Filipe Diêgo Cintra. **ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO: JAZIGOS E SIGNOS DA ELITE RECIFENSE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2017.

MATHEWS, Edward Davis. **Viagens pelos rios Amazonas e Madeira (Brasil), Bolívia e Peru (1872-1874)**. Tradução de Hélio Rocha. 1º Ed. Manaus: Editora Valer, 2020.

MENEZES, Nilza. O Último Yon Kippur. PRIMEIRA VERSÃO, Ano III, Nº131 – Volume IX – Porto Velho – janeiro/2004.

Nefrite: o que é, sintomas, tipos, causas e tratamento. **Tua saúde**, 2021. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/nefrite>>. Acesso em: 17, de julho de 2022.

NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. **A construção do espaço social em Porto Velho na primeira metade do século XX: Um olhar através da fotografia**. Programa de Pós-

Graduação- Mestrado em Geografia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) 134p. Porto Velho, 2008.

NOVISNKY, Anita et al. **Os Judeus que construíram o Brasil: fontes inéditas para uma nova visão da história.** São Paulo: Editora Planeta, 2015.

ORSER Jr., Charles. **Introdução à Arqueologia Histórica.** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

PEARSON, M. Parker. **Mortuary practices, society and ideology: an ethnoarchaeological study. Symbolic and Structural Archaeology (New Directions in Archaeology).** Cambridge, University Press, p. 99 – 114, 1982.

PINHEIRO, Marjones Jorge Xavier. **Morte e judaísmo: transformações ao longo do tempo em Pernambuco.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2012.

Prevenção e Controle de Agravos Nutricionais: Ações de enfrentamento do Beribéri. **Ministério da Saúde.** Disponível em: <<https://aps.saude.gov.br/ape/pcan/faqberiberi>>. Acesso em: 17, de julho de 2022.

SILVA, Cliverson Gilvan Pessoa da.; COSTA, Angislaine Freitas. Um quadro histórico das populações indígenas no Alto Rio Madeira durante o século XVIII. Amazôn, **Revista Antropologia.** Antropol., n. 6 (1), p. 110-139, 2014.

STERN, Yedidia Z; FISHER, Netanel. **Conversion in Israel: Vision, Achievements, and Challenges.** Jerusalém: IDI (Israeli Democratic Institute), 2018.

VELTMAN, Henrique. **Os hebraicos da Amazônia.** Disponível em: <https://issuu.com/ufpadoisponzero/docs/os_hebraicos_da_amazonia>. Acesso em: 26 de julho de 2022.

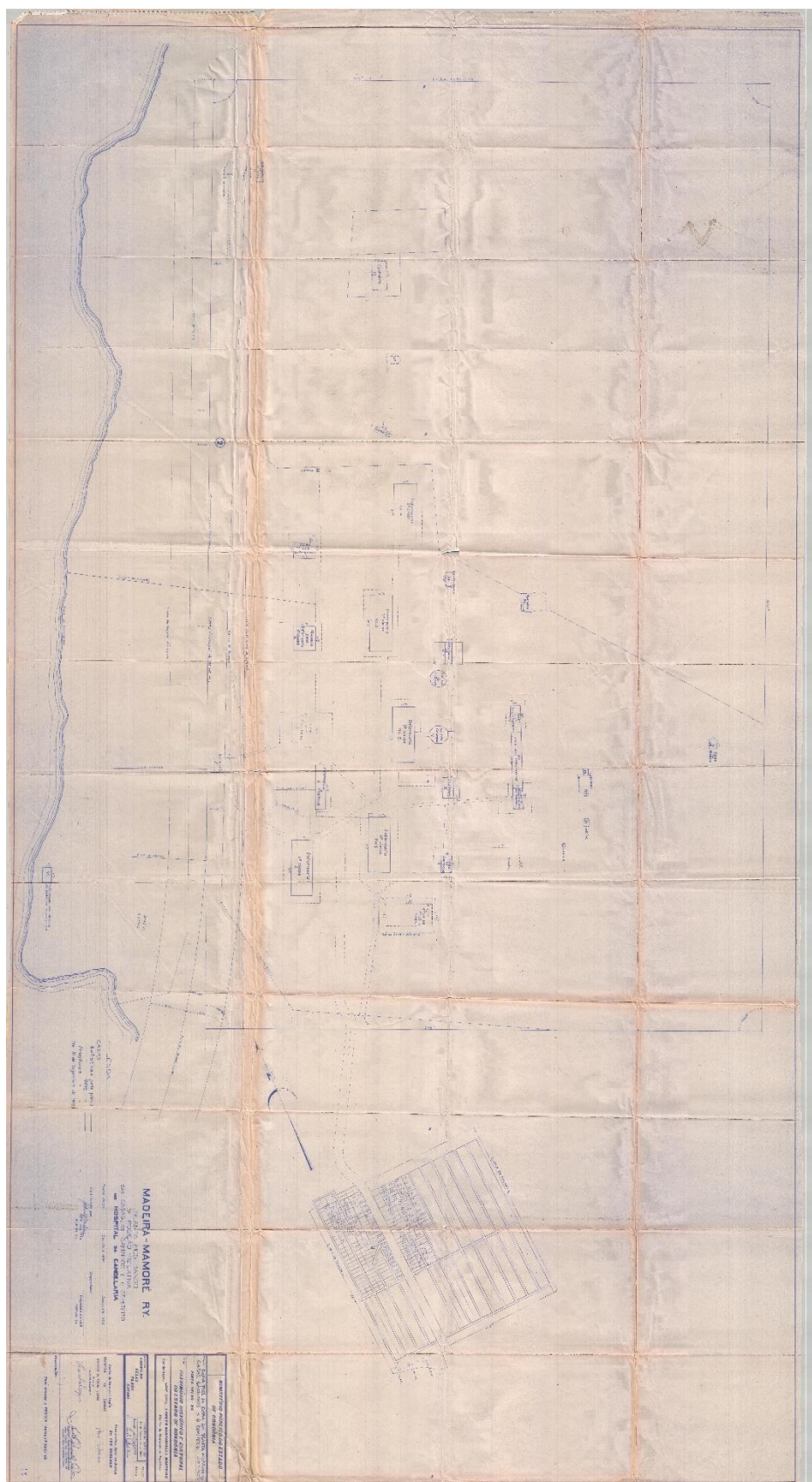
WOODWARD, Ian. **Comprensión de la cultura material.** Nova Iorque: SAGE Publications Ltd, 2007.

ANEXOS

ANEXO 1 – FOTO HOSPITAL DA CANDELÁRIA EM 1907. FOTÓGRAFO: DANA MERRIL.
DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://DIGITALCOLLECTIONS.NYPL.ORG/ITEMS/510D47DB-B84B-A3D9-E040-E00A18064A99](https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47db-b84b-a3d9-e040-e00a18064a99)



ANEXO 2 – PLANTA DO HOSPITAL E CEMITÉRIO DA CANDELÁRIA.



ANEXO 3 – Kadish completo versão sefarad. À direita a versão aramaica e à esquerda sua tradução livre elaborada pelo autor. Fonte: Sidur Sefarad, disponível em: <http://www.daat.ac.il/daat/vl/sidur-sfard/sidur-sfard01.pdf>

KADISH – VERSÃO SEFARAD	קדיש נוסח ספרד
Exaltado e Santificado seja Seu grande Nome. [Amén]	יתגדל ויתקדש שְׁמִיּהּ רַבָּא (אָמֵן)
No mundo que Ele criou, conforme Sua vontade. E reinará o Seu Reino e brotará sua Salvação e trará o seu Messias. [Amén] Em vossas vidas e em vossos dias e na vida de toda casa de Israel, no rotante e no tempo próximo, e dirão Amén.	בְּעֻלְמָא דִּי-בְרָא כְרַעוּתָהּ. וְיַמְלִיךְ מַלְכוּתָהּ, וַיִּצְמַח פְּרָקְנָהּ, וַיִּקְרַב מְשִׁיחָהּ (אָמֵן). בְּחַיֵּינוּ, וּבְיוֹמֵינוּ, וּבְחַיֵּי דְכָל-בֵּית-יִשְׂרָאֵל. בְּעֻלְמָא וּבְזָמַן קָרִיב, וְאָמְרוּ אָמֵן (אָמֵן)
[Seja Seu grande Nome bendito, para sempre, para sempre de sempre.]	[יְהֵא שְׁמִיּהּ רַבָּא מְבָרַךְ לְעַלְמֵי עֲלְמֵי עֲלְמֵי]
Seja Seu grande Nome bendito, para sempre, para sempre de sempre será bendito e louvado, e glorificado, e exaltado, e engrandecido, e honrado e elevado, e adorado seja Seu Nome, do Santo, bendito seja Ele. [Amén]	יְהֵא שְׁמִיּהּ רַבָּא מְבָרַךְ לְעַלְמֵי עֲלְמֵי עֲלְמֵי עֲלְמֵי, וַיִּשְׁתַּבַּח, וַיִּתְפָּאֵר, וַיִּתְרַמֵּם, וַיִּתְנַשֵּׂא, וַיִּתְהַדָּר, וַיִּתְעַלֶּה, וַיִּתְהַלָּל, שְׁמֵהּ דְקָדְשָׁא בְּרִיךְ-הוּא (אָמֵן)
Por sobre toda bênção, hino, louvor e consolação que dizem no mundo, e dirão Amén. [Amén]	לְעֻלְמָא מִן כָּל-בִּרְכָתָא, שִׁירָתָא, תְּשַׁבְּחָתָא וְנַחֲמָתָא, דְאַמְיָרִין בְּעֻלְמָא, וְאָמְרוּ אָמֵן (אָמֵן)
Haja grande Paz desde os céus, vida e fartura, e salvação, e consolo, e libertação, e cura, e redenção, e perdão, e expiação, e descanso, e resgate, para nós e para todo o Seu Povo Israel, e dirão Amén. [Amén]	יְהֵא שְׁלָמָא רַבָּא מִן שְׁמַיָּא, חַיִּים וְשְׁבַע, וַיִּשְׁעָה וְנַחֲמָהּ, וַיְשִׁיבָא, וַיַּרְפוּאָהּ, וַיְגַאֲלָהּ, וְיַסְלִיחָהּ וְכַפְּרָהּ, וְרוּחַ וְהַצְּלָהּ, לָנוּ וּלְכָל-עַמּוּ יִשְׂרָאֵל, וְאָמְרוּ אָמֵן. (אָמֵן).
Fazedor de Paz nas alturas Ele, com suas misericórdias, fará Paz sobre nós e sobre cada um do Seu Povo Israel, e dirão Amén. [Amén]	עוֹשֵׂה שְׁלוֹם בְּמְרוֹמָיו, הוּא בְּרַחֲמָיו יַעֲשֶׂה שְׁלוֹם עָלֵינוּ, וְעַל-כָּל-עַמּוּ יִשְׂרָאֵל, וְאָמְרוּ אָמֵן (אָמֵן).

ANEXO 4 – ALFABETO HEBRAICO: LETRA HEBRAICA, NOME DAS LETRAS, EQUIVALÊNCIA PORTUGUESA, PROLAÇÃO E VALOR NUMÉRICO

LETRA HEBRAICA	NOME DA LETRA HEBRAICA	LETRA EQUIVALENTE EM PORTUGUÊS	PROLAÇÃO	VALOR NUMÉRICO DA LETRA
א	ÁLEF	* (DEPENDE DA VOGAL)		1
ב	BÊT	B	Baile	2
ג	VÊT	V	Vitória	
ד	GUIMÊL	G (GA, GUE, GUI, GO, GU)	Gasto	3
ה	DÁLET	D	Dedo	4
ו	HÊ	H	Hotel	5
ז	VÁV	V	Vitória	6
ח	ZÁIN	Z	Zebra	7
ט	HÊT	H, RR (GUTURAL)	Bach (GUTURAL)	8
י	TÊT	T	Tenente	9
יא	YÔD	I, Y	Yoga	10
יב	KÁF	K	Ketchup	20
יג	KHÁF	KH (GUTURAL)	Khadija	
יד	LÁMED	L	Leite	30
יז	MÊM	M	Mão	40
יח	NUN	N	Nave	50
יט	SÁMEKH	SS	Sociedade	60
כ	ÁIN	* (DEPENDE DA VOGAL)		70
כא	PÊH	P	Patê	80
כב	FÊH	F	Fardo	
כג	TZÁDE	TZ, TS	Futsal	90
כד	QÔF	Q	Qatar	100

ר	RÊSH	R	Feira	200
ש	SHIN	X, CH, SH	Shopping	300
ש	SIN	SS	Sapo	
ת	TÁV	T	Tatu	400
ת	THÁV	TH	Thank you ("obrigado" em inglês)	
LETRAS QUE DECLINAM NO FINAL DE SÍLABA				
ך	KÁF (NO FINAL DE SÍLABA)	K		500
ך	KHÁF (NO FINAL DE SÍLABA)	KH (GUTURAL)		
ם	MEM (NO FINAL DE SÍLABA)	M		600
ן	NUN (NO FINAL DE SÍLABA)	N		700
פ	PÊH (NO FINAL DE SÍLABA)	P		800
פ	FÊH (NO FINAL DE SÍLABA)	F		
ץ	TZADE (NO FINAL DE SÍLABA)	TZ, TS		900

Quinta-feira, 30 de Agosto de 1917 A CAPITAL Informações geras das vendas publicas e navegação

BOLETIM DE CAMBIO Mandios, 29 Agosto de 1917.

Table with exchange rates for various locations: London, Paris, Berlin, Portugal, Havana, Rio de Janeiro, Bahia, etc.

Cambio Os bancos afirmam, porém, para o movimento de sua carteira as seguintes taxas...

Borracha Carga de lancha 'Angélica', enviada ao destino...

Correios Guarda do quartel, o cabo José Antonio...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

Castanha Boléin do comitê M. Oliveira...

PARTE COMMERCIAL

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Quarta-feira, 30 de Agosto de 1917

Navegação de B. LEVY & Comp.

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

ENTRADAS Linha do MADEIRA

NOTAS MILITARES GUARNIÇÃO FEDERAL

GUARNIÇÃO FEDERAL Serviço para hoje

NECROLOGIA

Notícia vinda de Porto Velho, trouxe-nos a infausta nova do falecimento do Sr. Carlos Augusto Serzedelo Pressler...

Movimento do porto

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Do Balço Amazonas, a lancha 'Angélica', com os passageiros José...

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

Viagens mensais ao Baixo Amazonas

NECROLOGIA

Notícia vinda de Porto Velho, trouxe-nos a infausta nova do falecimento do Sr. Carlos Augusto Serzedelo Pressler...

ANEXO 7 – Jornal Alto Madeira (RO), 15 dez 1918, nº164, p. 01, anno II - Reportagem contra Bensabath. Notamos o claro antisemitismo ao citá-lo como “o judeu” e não sua própria pessoa ao caso referente à reportagem.

Em Santo Antonio, a lei é uma figura da mythologia

Proseguindo sobre o que dissemos em numero anterior, realisou-se, como era de se esperar, na visin' a comarca de Santo Antonio do Madeira, um outro casamento com violação flagrante do art. 180, § unico do Cod. Civil Brasileiro.

Foram nubentes, o sr. Manoel Pereira e a senhorinha D. Olivia Maria da Conceição, residentes nesta localidade, ha mais de anno.

Já não nos causa estranheza e nem tão pouco nos causa especie ou singularidade, o facto do Juiz Bensabath, estar casando a *torto e a direito*, pessoas que se não habilitaram legalmente nesta Comarca, para os efeitos do casamento civil, em comarca differente.

Desde o momento, em que S. S. movido automaticamente por esse sentimento que o dinheiro gera nos espiritos malsãos, ungiu com a convenção que o cargo lhe empresta, uma menor impubere, aos destinos de um moço soffrego, desde logo, ficamos convictos e a sociedade, em summa, que S. S. havia perdido toda noção do escrupulo e a temperança que deve existir na consciencia dos defensores da lei.

E por haver perdido esse escrupulo e essa temperança, que já se dissiparam como o incenso no ambiente dessas ignominias juridicas, foi que não trepidou na recalcitrancia, casando pessoas não habilitadas devidamente, para o fim a que se propuzeram.

Tal procedimento por parte de um juiz, embora leigo, porém, já de cabellos grisalhos, curvo pelo peso denso dos annos avançados, cuja idade, o homem deve respeitar para inteireza de sua intangibilidade, somente encontra explicação no interesse bastardo e morbido, do ganho facil, seja qual fór a sua ori-

gem, natureza ou procedencia.

Dest'arte, S. S. não mediu as consequencias, que porventura lhe adviessem desse procedimento criminoso e voluntariamente deixou-se cahir nas malhas reparadôras do nosso Cod. Penal.

Prevaricação; ou falta de exactão no cumprimento do dever, são figuras juridicas que encontramos nos artigos 207 a 210 do Cod. Penal da Republica, em cujo estatuido está engolphado o juiz, de que nos occupamos.

E, como esteja bem caracterisado o crime, em sua especie, esperatnos a bem da collectividade, em geral, que o digno moço, Dr. José Adolpho de Lima Avelino, em reflectido momento escolhid. Prombtor Publico daquela importante arteria do Estado de Matto-Grosso, altivo e cheio de hombridade, não se faça esperar, com a medida remediativa, denunciando o judeu que escarnece da Justiça Brasileira e faz das suas leis o *toucinho forense* que elle não pode deglutir por principio de religião, mas que, sabendo que é nocivo á bolsa e a moral alheias, impinge-o ardidido do *fumeiro* da sua consciencia, aos incautos e desavisados que lhe batem á porta.

Jornal Alto Madeira, 15 de dezembro de 1918, nº164, anno II, p. 01, ocorrência 01/03.
Fonte: Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional



MINISTERIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE ARQUEOLOGIA - PORTO VELHO

ATA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às dez horas do dia cinco de agosto de dois mil e vinte e dois, em sala online (webconferência) pela Fundação Universidade Federal de Rondônia, realizou-se a sessão pública de defesa da Monografia de Conclusão do Curso de Bacharelado em Arqueologia do discente **José Ricardo Pereira Tavares**, sob orientação da Professora Doutora Juliana Rossato Santi, intitulada **“Matzévet Kevurát: As Lápides do Cemitério da Candelária, Porto Velho – RO”**. Constituíram a Banca Examinadora a Professora Mestre Valéria Cristina Ferreira e Silva e o Professor Doutor Daniel Belik. Após a apresentação do aluno e a arguição dos membros da banca avaliadora, definiu-se que o trabalho foi considerado **APROVADO**, com média final noventa (90). Eu, Juliana Rossato Santi, Professora Orientadora, lavrei a presente Ata que segue assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora.

Membros da Banca

Dra. Juliana Rossato Santi (orientadora)
Ma. Valéria Cristina Ferreira e Silva (membro titular)
Dr. Daniel Belik (membro titular)
Ma. Laura Nisinga Cabral (membro suplente)



Documento assinado eletronicamente por **JULIANA ROSSATO SANTI, Docente**, em 05/08/2022, às 12:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **DANIEL BELIK, Usuário Externo**, em 05/08/2022, às 13:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **VALERIA CRISTINA FERREIRA E SILVA, Docente**, em 05/08/2022, às 13:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1053418** e o código CRC **07030664**.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO E DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL

Autor (a) *: José Ricardo Pereira Tavares
Título do Documento: MATZÉVET KEVURÁT: As lápides do cemitério da Candelária

CPF: 02376009278 E-mail: ricardochicute@gmail.com Fone: 69992949980
Vínculo com a UNIR: Aluno Graduação Arqueologia Unidade: Departamento de Arqueologia/NCH/UNIR

Tipo do documento: () Tese; () Dissertação; () Artigo de Periódico; (x) TCC; () Livro; () Capítulo de Livro; () Outros. Especifique: _____

Se Tese ou Dissertação informar Programa de Pós-Graduação: _____

Disponibilização do trabalho completo: Imediato (x) Daqui a um ano** ()
Ocasionará registro de patente? Sim () Não (x)
Divulgação do e-mail do autor para usuário: Sim (x) Não ()

*Para cada autor, uma autorização preenchida e assinada.

**Em caso de restrição de um ano, esta poderá ser mantida mediante justificativa do Coordenador do Programa ou Departamento.

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O referido autor:

- ✓ Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer pessoa ou entidade.
- ✓ Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Rondônia/UNIR os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdos do documento entregue.
- ✓ Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a UNIR, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo contrato ou acordo.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos de autor do conteúdo supracitado, em consonância com a lei nº9610/98 autorizo o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Rondônia a disponibilizar a obra no Repositório Institucional gratuitamente, de acordo com a licença pública *Creative Commons* Licença 4.0 Internacional por mim declarada sob as seguintes condições. Caso haja interesse de alguma editora.

Permite uso comercial de sua obra?

() Sim (x) não

Permitir alterações em sua obra?

() sim

() sim contando que outros compartilhem pela mesma licença

(x) não

A obra continua protegida por Direitos Autorais e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Porto Velho

Local

27 / 09 / 2022

data

Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais